

silviano santiago

KEITH JARRETT  
NO BLUE NOTE

(IMPROVISOS DE JAZZ)



COMPANHIA DAS LETRAS

# DADOS DE ODINRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [eLivros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

## Sobre nós:

O [eLivros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [eLivros](#).

## Como posso contribuir?

Você pode ajudar contribuindo de várias maneiras, enviando livros para gente postar [Envie um livro](#) ;)

Ou ainda podendo ajudar financeiramente a pagar custo de servidores e obras que compramos para postar, [faça uma doação aqui](#) :)

***"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e***

***poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir  
a um novo nível."***

**eLivros**.love

Converted by [convertEPub](#)

SILVIANO SANTIAGO

# Keith Jarrett no Blue Note

*Improvisos de jazz*



# Sumário

Capa

Folha de rosto

Sumário

Autumn leaves (Folhas secas)

Days of wine and roses (Dias de vinho e rosas)

Bop be

You don't know what love is/ Muezzin (Você não sabe o que é o amor/ Almuadem)

When I fall in love (Quando me apaixono)

*Sobre o autor*

*Créditos*

*Para Heloisa*

*“Most improvisers are not musicians, just as most composers are not musicians, because they aren’t conscious of their own flow of themselves while they’re playing.” Jarrett’s solo piano concerts were almost superhuman attempts at being conscious of his own flow of himself. Asked once if he got nervous or got in cold sweat before so daunting a task, he replied: “See, the cold sweat is associated with memory of having cold sweats and also with preparation... But emptying myself, then there’s no possibility of being nervous, because I’m also emptying myself of being nervous”.<sup>a</sup>*

Ian Carr

---

“Muitos improvisadores não são músicos, do mesmo modo como muitos compositores não são músicos, porque não estão conscientes do próprio fluir deles enquanto estão tocando.’ Os concertos de piano solo de Jarrett foram sempre tentativas sobre-humanas de ele ter consciência do próprio fluxo. Perguntado uma vez se ficava nervoso ou se suava frio antes de tarefa tão apavorante, respondeu: ‘Olha, o suor frio está associado à memória de ter tido suor frio e também às horas de concentração... Mas esvaziando-me, então não há possibilidade de ficar nervoso, porque estou também me esvaziando do nervosismo’.”

O plano geral deste livro surgiu depois de o autor ter escutado o CD *Keith Jarrett at the Blue Note* (ECM Records, 1575-80, 1995), em que o pianista interpreta cinco canções. Daí os títulos do livro e dos cinco contos.

# Autumn leaves

*(Folhas secas)*

Quando você tira a roupa da secadora antes do tempo, ela logo perde o calor que lhe foi emprestado pela máquina e fica delicadamente fria nas suas mãos, como se tivesse acabado de receber os respingos de água que ela tanto gosta de receber antes de se expor ao calor opressivo do ferro elétrico, que a vai deixar passada e pronta para o uso.

Assim também está a sua roupa no momento em que você entra no apartamento aquecido pela calefação e, já na sala, começa a se liberar de luvas, capa de chuva, cachecol, paletó, botas, camisa, camiseta, meias, calças, cueca. Você como que vai estendendo toda essa tralha pelos espaldares das cadeiras da mesa de jantar e pelo assento do sofá — e tudo isso, mais o guarda-chuva aberto no meio da sala e o par de botas perto do radiador, fica à mercê e à espera do trabalho em surdina da calefação, que os deixará secos como antes. Mais sujos por causa dos respingos da neve derretida em lama.

Você nu não sente frio. O contraste súbito entre o tempo sombrio lá fora e o interior iluminado do apartamento aquecido deixa o corpo confortável e evita que você aqueça água para o chá. Você veste a bata azul que comprou tamanho maior na GAP e que cai como um abrigo

religioso para a sensibilidade carente de dia de chuva e caminhada com destino incerto pelo centro.

Chove há dois dias sem parar na cidade, depois de ter nevado meses sem parar.

Vestido com a bata azul, não há como não pensar nos sem-teto, *homeless*, como dizem aqui, responsáveis, segundo as autoridades e a imprensa local, pelo clima de insegurança física que reina no centro dessa pequena cidade do interior norte-americano. Não há também como esquecer os pedintes de esmola com quem você cruzou nas várias esquinas das ruas comerciais. Mendigos adultos todos, sem distinção de raça e de credo, você repete as palavras das matérias dos jornais. Desempregados todos, você acrescenta. “Fica pra outra hora”, você diz em voz alta pra você mesmo como quem refreia conversa com: *não, agora não*, enquanto atravessa o quarto de dormir e abre a porta do banheiro.

No banheiro, você acende a luz e lava com água morna e sabão as lentes respingadas e baças dos óculos. Enxuga-as com lenço de papel. A pele do rosto se amaciou com a súbita umidade do ar, constatam as pontas sensíveis dos dedos na testa, enquanto encaixam a armação dos óculos nas orelhas. A pele está menos ressecada, o espelho do banheiro te confirma. Os olhos não requerem colírio. Os cabelos ficam sempre mais suaves em dia de chuva.

Se você ousa pôr os pés na rua em dia de neve ou de chuva forte, acaba fazendo uma refeição em restaurante e comprando algumas coisas completamente desnecessárias — é o que você pensa ao abrir o envelope com o CD que tinha acabado de adquirir. A mais brilhante invenção da sociedade de consumo norte-americana foram as lojas aquecidas que abrigam os cidadãos das tempestades de neve e dos

aguaceiros, oferecendo-lhes poltronas, som ambiente e café grátis. Outro envelope — com o último *Village Voice* e uma revista de sacanagem, só de fotos — fica na mesinha de centro, ainda fechado pela fita durex. Uma carteirinha de fósforos está no bolso da capa de chuva. Mais tarde, liberado o sofá da tralha umedecida, você abrirá o outro envelope. Leituras de fim de semana. Bem equilibradas nos extremos.

Você rasga o celofane que protege o CD, abre a caixa, retira o disco e o coloca no aparelho de som. Aperta o botão. O piano de Keith Jarrett entra firme e delicado, pausado, abrindo e medindo silêncios, para daí a pouco ir ganhando galeio, anunciando notas mais fiéis à melodia de “Autumn Leaves”, bordando-as com toques de improviso à espera do contrabaixo de Gary Peacock e da bateria de Jack DeJohnette. O trio se forma de maneira harmoniosa, DeJohnette sempre puxando para o tom romântico. Paixão, compaixão.

No passado, você suportava mal o exibicionismo pretensioso de Keith, soltando grunhidos de euforia e cantarolando em *falsetto* a melodia do *Concerto de Colônia* ao fundo. “Pode ser doença, e doença pega. Se já não pegou...”, você diz para você mesmo agora em tom de autocrítica, à espera do esperado.

“Cada um inventa a sua marca registrada”, um colega americano te disse há algum tempo, para esfriar a sua reação negativa ao estilo do pianista, acrescentando que não havia um só crítico de jazz que tivesse deixado o detalhe sem comentário. Para elogiar ou para esculhambar o pianista. Ele ainda te explicou que no show business americano é essencial o toque de originalidade para alcançar o grande sucesso. Também fazem parte do espetáculo de Keith as piruetas no banquinho

e a cabeça baixa contra o piano, o que lhe custa dores tremendas nas costas e gastos piores com médicos.

“Mas precisava do apelo ao exibicionismo pretensioso?”, você atacou. Ele respondeu que Keith Jarrett não podia ser simplesmente um Thelonious Monk a menos, um Art Tatum ou um Bill Evans a mais. O fracasso de Tony Bennett, continuou ele, apesar de todos os corações deixados em San Francisco na hora da despedida, vinha do fato do cantor não ter conseguido um estilo diferente de Frank Sinatra. Parece cópia. Cópia mais perfeita do que o original, dizem alguns.

“Tony está recuperando o tempo perdido e ganhando a batalha do sucesso pela longevidade”, ironizou o seu colega, referindo-se não só ao desaparecimento atual de Sinatra da televisão como também à constante imagem de Bennett na telinha. “Está num anúncio de tevê, vendendo quarenta e cinco anos de profissão e vitaminas, com a mais ridícula das cabeleiras postiças”, acrescentou ele.

Você deu prosseguimento à maledicência, brincando e perguntando se o corpanzil mastodôntico de Marlon Brando em *Don Juan DeMarco* tinha algo a ver com a originalidade. Ele te perguntou, em resposta, se você tinha visto a entrevista que ele deu para a televisão acabando com os poderosos chefões de Hollywood. Tão violenta, que foi censurada pela imprensa. “Não deu no *New York Times*”,<sup>1</sup> ironizou ele uma vez mais.

Durante a sua caminhada pelo centro da cidade, os lábios não ressecaram nem estriaram, como era comum quando entravam em contato com o vento cortante e ríspido dos dias em que a cidade esteve, dos pés à cabeça, coberta de neve. O vento pergaminhou o que foi pele humana exposta aos seus rompantes histéricos. As novas rugas que ele

abre na testa e as antigas, que torna mais salientes, são como as linhas do palimpsesto do envelhecimento precoce do rosto no inverno.

O sol de quase verão — você fecha os olhos, sonha com ele por um instante, não mais do que por um instante, para não cair na fossa nesta última semana de março, em que não existe o menor sinal de prenúncio de primavera nos ares.

As narinas ressecadas não se fecharam uma só vez nestes dois dias e, ao retornarem da longa caminhada que você fez pelo centro da cidade para fazer algumas compras inúteis que encurtariam as longas horas do fim de semana, não desfiaram fios e fios de água gosmenta que obrigavam você a assoar o nariz com lenço de papel.

Você se lembra da pergunta que lhe fez o caixa da loja de jornais ao lhe dar o troco: “Não precisa de fósforos?”. Na hora, você respondeu que não, que não fumava. Depois você aceitou, por que não aceitar?, a carteirinha de fósforos. Na rua, a paranoia que toma conta da cidade bateu brava em você ao se lembrar do verbo que o caixa tinha usado: *need*, por que não *want*? *Você quer uma caixa de fósforos?* Sorte você não ter pago jornal e revista pornográfica com cartão de crédito. Teriam o seu endereço e telefone. Até lhe passou pela cabeça usar o cartão, depois você desistiu com receio da demora e de ser surpreendido em flagrante por algum colega de trabalho ou conhecido.

Antes de dobrar a esquina, ao olhar para trás, você admitiu que o rapaz do caixa, meio riponga, vestido de camiseta que deixava à mostra os braços tatuados, tinha dito uma frase codificada. Com a mão esquerda livre você aperta a carteirinha de fósforos no bolso da capa. *Need* lembra *needle*, agulha. Você só não atinava com o significado preciso e camuflado da pergunta. Quem compra revista pornográfica

deve gostar de fumar maconha, cheirar cocaína ou injetar o que seja na veia.

*Matches: Light my fire.* Quem compra revista pornográfica — você pensa no lugar do caixa — teria melhor tratamento se nas mãos de um parceiro profissional. Você bem sabia que o que não falta, nos Estados Unidos, são os anúncios classificados, com número de telefone e todos os demais detalhes relativos a preferência sexual, tamanho, idade, peso, cor de cabelo, de pele, etnias. A resposta determinaria aquilo de que você precisa, *need*. E em poucos minutos a *mercadoria* estaria ao seu dispor. Em casa, na rua ou no hotel. Ao dobrar a esquina seguinte (você despistava, dobrou primeiro à esquerda e agora à direita), você carregava o envelope contendo o jornal e a revista, você carregava a carteirinha de fósforos no bolso da capa de chuva com o cuidado e o medo com que um terrorista, pouco afeito à ideia de suicídio pela causa, transporta uma bomba-relógio. O envelope com o CD deporia a favor das suas boas intenções domésticas durante o fim de semana.

Nos dias infernais do inverno, de dezembro a princípios de março, quando toda a natureza e a cidade eram neve, você nunca soube, ao ir a pé para o trabalho, o que fazer com os lenços de papel sujos. Depois de usados, você não gosta de guardá-los nos bolsos do sobretudo, muito menos nos bolsos do paletó. Os dedos desprevenidos que entram no bolso do sobretudo logo se retiram com nojo daquela matéria servil e pegajosa, tão sua! e tão estranha! que macula a brancura do papel. Você não quer jogá-los na sarjeta. A cidade é suja e a única sujeira que você não vê esparramada pelas calçadas é a de cocô de cachorro. Você não vê também lata de cerveja ou garrafa de bebida alcoólica. Cocô de cachorro, lata de cerveja e garrafa de bebida devem dar multa.

Na falta de cocô de cachorro, lata de cerveja e garrafa de bebida, por que não esparramar lenços de papel sujos de catarro? A cidade é suja e podia receber de bom grado alguns lenços de papel usados, atirados como as migalhas de pão no conto infantil. Serviriam para marcar o caminho de volta, quando não fossem simples matéria para ruminação, como agora, no tédio reinante. Não há lixeiras esparramadas pela cidade, que, desde ontem, vai perdendo as sucessivas camadas de neve sob o aguaceiro anunciado erroneamente pela tevê como primaveril. Você não vê ninguém jogar no chão um pedacinho de papel que seja, muito menos um palito de fósforo. Mas você os vê por toda parte, ao lado de maços vazios de cigarro.

Várias vezes você se perguntou se a sujeira da cidade vinha dos afoitos, anônimos e irresponsáveis caminhantes noturnos. Não há caminhantes noturnos pela cidade durante o inverno rigoroso, apesar do que dizem as manchetes alarmistas dos jornais. A sujeira da cidade existe e é produto diurno. É manufaturada longe dos seus olhos, de maneira secreta. Deve ser como a alma de certas pessoas, já nasce encardida, continua encardida pela infância e é a imagem da infâmia na idade adulta. Não adianta água, sabão, bucha, escovão, ou duchas quentes morais. Você pensa que a Igreja e os teólogos perderam tempo criando a ideia do inferno, mais tempo ainda perderam tentando incuti-la nas prédicas dominicais. O inferno só amedronta os que não precisam ser amedrontados, ou seja, os que já frequentam a igreja. Pra que sermão? Padre devia ficar cantando aleluia! aleluia! durante toda a missa.

Essa cidade é o que ela é. Você começou a fazer uma listagem do lixo que ia encontrando pelo meio do caminho. Você ria das coisas anotadas e, entre um item e outro, escreveu que era esse o modo como

você progredia na maneira de apreciar e descrever, na atualidade, as cidades norte-americanas. Veja só, agora você dedica tempo integral a observar as calçadas cobertas de lixo do Primeiro Mundo. A população miserável (será que só a miserável?) da cidade come e bebe no meio da rua e joga tudo o que é considerado *resto* na beirada das calçadas, principalmente nas cercanias dos pontos de ônibus.

Garfos, facas e colheres de plástico, em especial nas cores branca, azul e vermelha.

Copos de papel usados com dizeres, ou da loja de café ou da marca de refrigerante.

Guardanapos de papel sujos.

Cadernos, apostilas, livros, páginas de jornal soltas, estraçalhadas, voando.

Papel higiênico usado, modess idem, camisinhas idem.

Um colchão todo esburacado, ao lado de umas cadeiras aos frangalhos, imprestáveis, que ficaram por uma semana à espera do caminhão do lixo em frente do seu edifício de apartamentos.

Um cadáver humano deitado num banco público do jardim.

Sacos de papel amassados de mcdonald's, burger kings e dunkin'donuts.

Caixas quadradas de pizza.

Pedacos de pão de cachorro-quente, tiras de cebola e pedacos de pimentão verde recobertos pelo vermelho do ketchup ou pelo amarelo da mostarda.

Uma caixa vazia e amassada de Imodium A-D.

Variados tipos (em variados lugares) de caixas que serviram de quentinhas, em especial vindas de restaurantes chineses.

Baganas e maços amassados de cigarro.

Uma caneta com o nome gravado da proprietária, uma estudante que deve graduar-se na universidade local em 1999 — você parou de anotar os itens quando se deu conta de que, depois de uma ventania, os moradores das casas não limpavam a calçada. Não afastavam do caminho os galhos de árvore que tinham sido arrancados pela fúria do vento. Você reparou que os deixavam tal e qual, sem pensar no pedestre que teria de buscar o desvio da rua e o possível atropelamento para não se embaraçar neles.

Com alguns lenços de papel esparramados pelo caminho, a cidade não mudaria repentinamente de suja para repelente, de repelente para nojenta. Na falta de impressão dos solados dos sapatos na neve, teria marcas concretas da passagem do homem pela superfície da sua memória. A sujeira normal, acrescentada pelos lenços de papel pegajosos de catarro, ganharia confiança e destemor, e talvez ousasse levantar a voz diante do prefeito, que, frente ao quadro geral de calamidade, ordenaria ao serviço da limpeza pública maior cuidado e assiduidade no trabalho.

Confesse que você não joga o lenço de papel usado na rua com medo de algum cidadão-modelo, um daqueles muitos que já te distinguiram com comentários desagradáveis e, às vezes, acintosos, criando situações embaraçosas. Mais embaraçosas, muito mais embaraçosas, quando a cena tinha lugar numa casa de família onde você era o convidado de honra. Você passou a ter ódio de ser reconhecido como estrangeiro depredador dos bons costumes nacionais e de ter de engolir a seco palavras que você queria que tivessem saído da sua boca como balas de revólver. Mamonas assassinas. Você imagina um desses cidadãos-modelos dobrando inesperadamente a esquina e apontando o dedo indicador para você, te enfiando o dedo na cara,

como na imagem de Tio Sam, que você repele como repele qualquer símbolo do nacionalismo estreito e conservador. “Chumbo grosso nele”, e toca a soprar a fumacinha que saía do colt 45. Dedo-duro por-dedo-duro, chega os que já temos na profissão.

As notas do piano de Keith Jarrett começam a tocar de maneira nítida o tema da canção de Prévert-Kosma, acompanhadas de maneira discreta pela bateria e pelo baixo. Você escuta a voz imaginária e concreta de Yves Montand. Você tem certeza de que Keith Jarrett também a está escutando, do mesmo modo como ele tinha escutado a voz de Nancy Wilson ao tocar “Never Let Me Go”. Mais do que escutando a voz de Montand, ele a está acompanhando, de perto, carinhosamente, homenageando-a.

Você busca no banheiro a caixa de lenços de papel. O nariz não está pingando mais. Nesses dois dias chuvosos, aumentou foi a quantidade de secreção nasal. Você assoa o nariz, expelindo o catarro acumulado durante a caminhada. Sai com fiapos discretos de sangue, sinal de que a pressão arterial subiu e os remédios não estão conseguindo controlá-la em nível aceitável. Na última consulta ao cardiologista, ele mandou você dobrar a dose de Lexotan. Pela manhã e também à noite. O aumento na quantidade da secreção nasal pode estar anunciando o resfriado, companheiro e amante das chuvas de fim de inverno, e o vermelho sanguíneo, menos do que medo atual da condição cardíaca, é medo antigo, vem de Cornel Wilde interpretando Chopin num velho filme de Hollywood, vem da cena em que ele já não consegue controlar a hemoptise. O teclado branco do piano se inunda de sangue (os olhos do menino espectador se inundam de lágrimas) aos acordes solenes de “La Polonaise”. O filme termina. Se não termina com essa cena, na lembrança ele sempre termina ali para você.

Medo atual das manchas de sangue no catarro, medo menino das hemoptises de Cornel Wilde, medo atávico, paterno. Você recorda a magreza do seu pai, a conversa dele com um colega de profissão, conversa que você escutou um dia, escondido atrás da porta do consultório dele. Ele dizia ao amigo que, com os três filhos menores que tinha, não podia descuidar-se. Qualquer cisma o levava ao radiologista para uma chapa esclarecedora do bom estado de saúde dos pulmões. Velhos tempos! a tuberculose era mortal e contagiante. Novos tempos. Os bacilos da tuberculose voltam a ser hoje uns goleadores mortais nos leitos dos hospitais americanos.

Você caminha de volta para a sala do apartamento, entra na cozinha, abre a geladeira e, em lugar de água, aumenta a dose de suco de laranja. Um copo e meio. Vitamina c. Você enfia na cabeça um lembrete: Não se esquecer de comprar grapefruits amanhã no supermercado. Por via das dúvidas, toma uma dose extra do tranquilizante. Eta tardezinha de sábado complicada. O efeito diurético dos remédios que controlam a hipertensão apressa a necessidade de mijar. Você obedece à natureza, voltando ao banheiro. A revista de sacanagem, ainda guardada dentro do envelope, faz efeito. Tipo bandeira a meio pau.

Da janela da sala você vê que os diversos componentes da paisagem urbana, depois da chuva prolongada, voltaram a ganhar perfis definidos e cores variadas, perdidos durante as sucessivas nevascas. Ressurgem os contrastes e eles trazem de volta as variadas cores firmes para os telhados, para as fachadas das casas e para as janelas, acentuam o verde da grama, que reaparece como que por milagre. Não há sinal de branco por todo o chão e este talvez seja o indício que prenuncia a crueldade próxima e distante de abril, fermentando em escuridão e silêncio os

tubérculos que serão os primeiros a explodir em flores multicoloridas. Nem o branco dum lenço de papel usado, denunciando a presença do homem na cidade. Tudo o que não é cor na paisagem entrevista da janela é cinzento: calçada, asfalto, árvores e as poucas pessoas que passam. A chuva inferniza os para-brisas dos carros.

Os pinheiros continuam verdes e as árvores, de galhos nus. Se você prestasse bem atenção, se você pudesse emprestar binóculo aos olhos, veria os primeiros brotinhos aparecendo no final dos galhos, agora apenas aparentemente secos. O branco é a cor da memória dos dias que passaram. Mas que, talvez, voltem. Você prefere pensar assim, precavidamente, porque não pode ter certeza de que as tempestades de neve não voltarão. “Não há por que se queixar do tempo, se nem chegamos a princípios de abril”, foi o que te disse uma voz pessimista às suas costas, na loja de discos. Você tinha acabado de responder positivamente à pergunta do vendedor se fazia muito frio lá fora. Você já se sentia fora do espaço da cidade, agora você se sente fora do tempo dela. Um estrangeiro, inconveniente além do mais.

Há duas semanas, você foi convidado por um casal de colegas para jantar. Moram num dos poucos arranha-céus de moradia da cidade. O apartamento deles fica no décimo segundo andar. De fora, você fez gestos para o porteiro abrir a porta. Sem se levantar, ele apontou para o interfone, tendo ao lado os nomes dos moradores com os respectivos códigos telefônicos. Você se anunciou aos amigos pelo interfone para que, lá de cima, fosse acionado um botão. A porta de entrada se abriu. Agora, era a vez de passar pelo porteiro, que te pediu documento de identificação e a assinatura do nome num livro de registros, seguida da hora de entrada.

Da janela da sala de jantar, descerradas as cortinas, a cidade é outra. Te parece uma miniatura de Wall Street ou da Park Avenue, uma cidade totalmente outra, desconhecida dentro da cidade conhecida pelas caminhadas, imaginada talvez pelo número de edifícios-garagem, mas nunca entrevista. Lá do décimo segundo andar, já com o copo de uísque na mão, descortinam-se todos os belos, afilados e estilizados edifícios do centro financeiro da cidade. Todos imaculadamente limpos, todos com as luzes apagadas, semelhantes a gigantescos pavões na cidade-galinheiro. Sedutores, desbotados e angulosos pavões, assustadoramente opacos, apesar de moldados com vidro. Mostram-se como são aos olhos do espectador: lindos, limpos e opacos.

“À noite, perdem a luz interior”, você deixa essa frase sair em voz alta. O colega pergunta se você se refere aos habitantes da cidade, trancados em casa. Você vai dizer que se refere à mágica diurna do capital. Para encurtar conversa, você diz que sim. E acrescenta que neve, trevas e uísque convidam à metafísica. O colega é professor de literatura romântica inglesa.

Durante o jantar você perguntou aos anfitriões se eles conheciam a velha piada do homem que tinha um olho de vidro. Como não a conheciam, você disse que o homem com um olho de vidro entrou num restaurante e disse ao garçom que daria cinquenta dólares a ele se descobrisse qual dos seus dois olhos era de vidro. O garçom disse que o direito. Você acertou, disse o homem. Posso lhe perguntar como acertou? Foi fácil, disse o garçom, o olho direito é mais simpático.

O professor riu, a mulher do professor não riu. Ela perguntou a você se era uma piada latino-americana. Você disse que sim. O marido disse que não. Tão nossa, acrescentou ele, quanto o cinema de Frank Capra.

Ao caminhar, hoje pela tarde, até o centro da cidade, você notou que a chuva tinha dissolvido por completo os restos de neve, deixando à mostra os jardins das casas ao redor, cobertos de folhas secas encharcadas. Golpes de vento vinham e as faziam levantar voo e aterrissar no meio da rua, onde eram esmagadas pelos carros em alta velocidade. O bolo ensopado que se amontoava ao lado dos carros estacionados, e sujava os seus sapatos, não dava para distinguir o que era lama do que eram folhas esmagadas e trituradas.

Ontem, pelo meio do caminho de volta do trabalho, você tirou a luva da mão direita e apanhou três folhas secas que brilhavam solitárias na calçada. Estavam molhadas, frias e limpas. Tinham escapado de pisadas assassinas, tinham escapado dos rompantes do vento. Entre as nervuras estendidas e firmes, havia a sólida carne das folhas com a textura de roupa de linho, amarela e engomada. Você selecionou a mais limpa e perfeita delas e quis guardá-la. Além de ser a mais limpa e perfeita, era a mais firme, segura de si no desenho barroco dos contornos e até no desajuizado rabinho arrebitado, semelhante a cauda de miniatura de cachorrinho. Quis guardá-la como lembrança desta temporada que não permaneceria na sua memória a não ser por essa folha que, dali a alguns dias, estaria enxuta e esquecida entre as páginas de um livro, para um dia ser redescoberta num domingo de solidão, sob o sol aberto do verão carioca.

Passos adiante, você preferiu devolvê-la ao cimento da calçada, onde a apanhara, a transportá-la para o livro aberto ao acaso no aconchego do apartamento. Você estava (e ainda está) convencido de que nada do que se está passando nesta temporada de neve, frio e chuva está sendo feito para durar. A folha sabotaria a sua convicção como, aliás, qualquer

nota extraída do piano pelos dedos de Keith Jarrett a sabotará para sempre.

Hoje à tarde, na cidade, você entrou na primeira loja de discos que apareceu à sua frente, Strawberries. Morangos selvagens do rock and roll, do rap e do lixo hip-hop estavam enfileirados nos mostruários do andar térreo, atraindo a atenção dos muitos jovens negros. Perguntou ao rapaz do caixa onde estava a seção de jazz. Subiu alguns degraus até o segundo andar. Ninguém no andar, nem caixa havia ao lado da registradora. Um aviso dizia que o pagamento deveria ser feito no andar de baixo.

Você preferiu examinar primeiro os CDs sob a rubrica *Instrumental*, dispostos em ordem alfabética nas divisões. Ao ir folheando as sucessivas filas de discos, parou na letra J. Você se diverte com as peças que o alfabeto prega: como pode Al Jarreau estar precedendo Keith Jarrett? e como Antônio Carlos Jobim segue adequadamente Jarrett. Você lê os títulos dos vários CDs gravados por Keith Jarrett. O primeiro que você retira e examina é *O Concerto de Colônia*. A quantidade de cópias em estoque diz que é ainda a gravação mais popular dele. Chopin e Art Tatum se dão as mãos e saem remando rio abaixo, rio acima, o rio, numa canoa musical. É também o seu disco favorito, mas já o tem no Brasil, em fita cassete pirata, presente de uma ex-aluna. Você se lembra de um crítico, você acha que do *New York Times*, você lembra que ele disse que Keith, apesar de ter raízes fortes no jazz e na tradição americanos, toca melhor na Alemanha e nos países escandinavos do que no país natal. Você acabou escolhendo um CD dele que nunca tinha escutado, gravado no Blue Note, clube de Nova York, no dia 4 de junho de 1994.

A música de abertura do CD é “Autumn Leaves”.

As três folhas secas, selecionadas e apanhadas ontem no caminho de volta a casa do trabalho, nada têm a ver com as antigas *feuilles mortes* do outono parisiense, que você recolhia aos montes na juventude, caminhando pelo cais do Sena ao entardecer das primeiras semanas do mês de novembro, quando a cidade ia perdendo o corre-corre destemperado da vida turística e reabria festivamente as portas dos bares e restaurantes mais divertidos. Você não se sentia estrangeiro em Paris. Junto com a cidade e com os primeiros dias frios, você retornava à rotina dos que ali viviam porque haviam escolhido ali viver e morrer. Você recolhia as folhas secas nas margens do Sena para depois lançá-las no rio a fim de que a corrente as levasse. Elas passariam flutuando sob a ponte Mirabeau, *bras dessus, bras dessous*, como cem mil amantes felizes.

Você misturava palavras do poema de Guillaume Apollinaire com versos da letra de Jacques Prévert para a música de Kosma, idealizando um amor impossível na solidão da caminhada pelo cais do Sena.

Você reagia a tanto pessimismo.

*Un jour, tu verras, l'on se rencontrera/ Quelque part, n'importe où, guidés par le hasard* —<sup>2</sup> cantava o argelino Mouloudji, logo um argelino, pelos alto-falantes de todas as jukeboxes dos cafés de portas abertas por onde você passava. Apesar das primeiras ondas de frio, a maioria dos cafés estava de portas abertas, com medo de repentina explosão duma bomba caseira, *plastique*. Enquanto os paraquedistas franceses, elite do exército colonial, perseguiram e mataram os muçulmanos na Argélia, em represália os muçulmanos perseguiram Paris e os parisienses com atentados a bomba; enquanto a canção te perseguia pela sua caminhada, você a perseguia pelos cafés por onde

passava. Você comprava um jetom no caixa, dirigia-se para a jukebox num dos cantos do café e apertava o botão B-7.

*Et la main dans la main/ par les rues nous irons.*<sup>3</sup>

Depois, você caminhava como um autômato por um caminho feito e refeito que te conduzia a um pequeno parque à beira do Sena. *Ta taille je prendrai/ et nous danceros tranquilles/ loin des gens de la ville.*<sup>4</sup>

Você se sentava num banco, no mesmo banco onde durante todos os dias de uma semana do início do outono você se sentou com Villarreal, um amigo mexicano que conheceu, durante as férias de verão, na Universidade de Louvain, na Bélgica, e que foi te visitar em Paris antes do início das aulas. Você ficava ali sentado, admirando aquela cara de Pedro Armendáriz em filme de Emilio Fernández e Gabriel Figueroa, até o momento em que a noite outonal caía de súbito, interrompendo os seus devaneios. Isso foi no início dos anos 1960.

Da outra vez que foi a Paris, uma década e meia mais tarde, você buscou em vão o jardim, o banco e as folhas secas à beira do Sena. Nos anos 1960, a cidade tinha poucos carros, menos barulho e menos luzes, sobrevivia de maneira um pouco distraída, como sobrevivem os vagabundos, os clochards, ou as pessoas que jogam na cara da vida vá te catar, *je m'en fous*. Apesar de ter sido exaltada em prosa e verso, em arte erudita e popular, Paris tinha pudor de se apresentar em roupa de gala numa vitrine de loja de luxo. Discreta como uma midinette. Os monumentos clássicos não recebiam a iluminação excessiva que recebem hoje. Você achava enorme graça nessa maneira distraída e descontraída do fluir da cidade e dos pedestres parisienses, que nada tinha a ver com a angústia e a tensão dos livros de Jean-Paul Sartre que você andava lendo, ou com a violência da peça de Jean Genet sobre a guerra colonial na Argélia, *Les Paravents*, que você quis ver no teatro

Odéon. Quis ver o espetáculo, não viu. Veio a censura, a represália da tropa de paraquedistas de elite, e encurtaram a temporada.

Comparada com a vida noturna carioca, que você acabara de deixar, a Paris dos anos 1960 parecia uma cidade provinciana com ares de metrópole do mundo. As ruas adormeciam cedo e perdiam os últimos pedestres com o último metrô, que circulava pouco depois da meia-noite. Você achava que Paris era uma cidade com muitos mistérios, que só podiam ser desvendados com imensa coragem e muito dinheiro. A coragem você tinha, faltava-lhe o dinheiro a mais. Um dia lhe sobraram algumas notas de francos no bolso. Na praça de Saint-Sulpice, você encontrou um canivete aberto pela frente. Era uma arma que você não conhecia como tal. Era antes um objeto doméstico, tão doméstico quanto cachorro e galinha.

Você tinha conhecido o canivete afiado nas mãos do avô. Na fazenda aonde você foi passar uma temporada logo depois da morte prematura da sua mãe. O avô sentado te sentava na perna esquerda e, com os braços viris, abria uma circunferência em torno do seu corpo delicado de menino órfão. Você via de perto o avô picar um pedaço de fumo de rolo, enquanto conversava com os compadres. Com o canivete na mão direita, ele tirava lasquinhas fininhas de fumo, que iam caindo e sendo recolhidas pela palma côncava e encardida da mão esquerda. Logo depois o polegar direito as triturava. Com o mesmo canivete, ficava laminando uma folha de palha até senti-la macia ao tato e dócil no trato. Depois estirava as lasquinhas trituradas de fumo por ela e ia enrolando o cigarro, fechando-o com cuspe. Com o canivete aberto e o rolo de fumo na mão esquerda, ficava pitando o cigarro de palha.

Você era envolvido pela fumaça acre do fumo de rolo.

Pela manhã, você saía correndo atrás dos marrecos e voltava para o pátio da fazenda sem fôlego e morrendo de sede. Você tinha conhecido o canivete nas mãos rudes do capataz da fazenda. Ele escolhia e cortava um gomo do pé de cana-de-açúcar. Depois desbastava-o pouco a pouco da casca amarelecida. Quando a matéria ficava branca e menos fibrosa, cortava o gomo em cilindros menores para fazer roletes. Enchia as suas mãos de roletes. Enquanto o tempo passava, você os ficava triturando com os dentes, como se mascasse chicletes. A garapa descia adocicada pela sua garganta agradecida. Você ia cuspiendo os bagaços de cana.

Você não teve medo do canivete aberto em Paris. Foi em frente. Até hoje você não pode imaginar a cara que fez para o cara do canivete, mas a cara que fez — infantil, arrogante, sem-vergonha, adulta, zombeteira, companheira, sedutora, feroz (você exclui apenas o adjetivo “angelical” da listagem porque seria o único inverossímil) — fechou de vez o canivete e deu início a uma conversa que acabou durando mais de ano. E a partir daí, você foi sempre em frente. Aceito, rejeitado, escorraçado, espancado, paparicado, xingado, esnobado, ridicularizado, amado.

Ontem como hoje não é um canivete aberto que te amedronta. É outra a arma: invisível aos olhos humanos, traiçoeira e, ao menor sinal à vista de sangue alheio, oportunista. A arma não sangra, se reproduz e se robustece no sangue do outro como aves migratórias que constroem novos ninhos nas árvores tropicais, onde são generosamente acolhidas para o acasalamento. Você fez das armas, e das suas metáforas fálicas, brinquedo irresponsável por muitos anos, e agora elas te aparecem como levemente letais.

No meio dos anos 1970, você reparou que Paris tinha mais carros, mais barulho, mais engarrafamento, mais luxo, mais pressa e mais

luzes. Era uma cidade estabranada e alvissareira (*criarde* foi a palavra mais utilizada para descrevê-la em cartas para os velhos amigos no Brasil), como as demais metrópoles europeias, todas elas querendo imitar o ritmo e o estilo nova-iorquinos de viver. O asfalto tinha varrido as pedras das margens do Sena para que virassem autopistas. Os sinais luminosos se agigantavam e pululavam coloridos em muitas esquinas. Durante o dia era impossível andar pela cidade, tal a quantidade de pedestres desastrados; durante a noite, estes sumiam repentinamente das calçadas. A cidade aparente adormecia muito cedo, perdendo a relação de recolhimento noturno e descanso que mantinha a partir do último metrô que circulava. Já ao cair da noite, a cidade se interiorizava para dentro das casas, dos carros, dos restaurantes e dos cafés da moda. Uma vez mais você teve ódio desses Pompidous da falsa modernidade que, por piratarias imobiliárias, esculhambaram de vez com a imutável fisionomia nostálgica de Paris.

Na volta para o quarto do hotel, você se dirigia para a estação de metrô do Luxembourg e, no meio da subida, em qualquer bar do Boulevard Saint-Michel, você jantava um pão na manteiga, recheado com fatias de queijo camembert, e tomava um *demi panaché*, chope misturado com soda limonada, de sabor leve e adocicado. No hotel você complementava a refeição bebendo um copo de leite no quarto. Villarreal partiu uma semana depois, te deixando o endereço no México.

Você chegou a lhe enviar, para o endereço de Louvain, um cartão-postal com a imagem tranquila do Sena, tendo como cenário os fundos da igreja de Notre-Dame. Meses mais tarde, para o endereço mexicano, outro com a fachada da Ópera de Paris, onde você o tinha levado para assistir à *Tosca*. Os cartões foram ficando sem resposta, ficaram

definitivamente sem resposta. Você nunca voltou a Louvain, você nunca foi ao México. Você nunca planejou passar pelo México, muito menos programou uma viagem àquele país. Você nunca mais o reviu.

Você odeia pensar o que pensa pela primeira vez agora, talvez a única verdade a ficar de pé em toda a história: ele era padre. Padre! Isso te coça a sensibilidade.

Valeria a pena coçá-la hoje?, você se pergunta neste dia de chuva e logo muda de assunto.

Poucas semanas mais tarde, o mês de novembro tendo se afirmado na folhinha, ainda sentado no mesmo banco do mesmo parque, bem agasalhado e com o guarda-chuva aberto, você descobriu que as folhas secas encharcadas pela chuva emprestavam um hálito perfumado e outonal ao cinza brumoso do cais do Sena, que durante o verão fedia a mijó, merda e vômito dos turistas. A água da chuva destilava das folhas secas uma *tisane* que, depois da refeição estival indigesta dos turistas depredadores, ia lavando boca, garganta e estômago dos esgotos parisienses. No princípio do inverno, você teve de se recolher ao quarto do hotel barato onde se hospedava perto da praça de Denfert-Rochereau, lendo dia e noite. Durante toda a semana em que Villarreal esteve em Paris, você gastou o dinheiro que tinha e o que não tinha. Entrado o inverno, você se refugiava nas poltronas vermelhas aveludadas das salas aquecidas dos pequenos cinemas do Quartier Latin, ou perambulava pelos grandes salões dos museus, ganhando com a presença da companhia próxima, anônima e buliçosa, o que tinha encontrado e perdido numa pessoa.

Nesta cidade do interior americano, as folhas secas estão pelo chão das calçadas e pela grama queimada dos jardins como velhos restos do outono passado, à espera da nova primavera. Um dia a primavera há de

chegar e as varrerá com a sua ventania inesperada e estúpida. Enquanto seu mestre não chegar, elas ficam servindo de adubo gratuito e silencioso sob a neve. Você pensa que esse deve ser o estado caseiro da economia empobrecida da cidade. Os donos das casas, o serviço de limpeza, ou quem quer que seja, ninguém teve o cuidado de ensacar as *autumn leaves*, antes que chegassem as tempestades de neve do fim de ano, para que também não gastassem dinheiro com adubo na primavera.

E com tanta chuva caindo, a água virava enxurrada. Algumas poucas folhas, atrevidas, acabavam se encaminhando para a sarjeta e de lá navegavam como barquinhos em tempos de quase primavera, acompanhando você pela rua que descia até o centro da cidade. Hoje, no caminho de volta, quando você ia atravessar a rua, em lugar de pensar em recolher, como ontem, alguns espécimens privilegiados, fez questão de pisar com o solado de borracha do sapato num pequeno monte delas. Esmagá-las até que, bem amassadas, virassem um purê amarelecido como de batata cozida.

Depois de pagar o disco de Keith Jarrett na caixa e de receber o pacote, você saiu da Strawberries e caminhou até a loja de jornais e revistas, que fica na mesma rua, um pouco mais abaixo.

Apanha o *Village Voice* da semana na pilha e, meio que de esquelha, olha mais uma vez para o estande das revistas de sacanagem que fica, puritanamente, no fundo da loja. Só quem se atreve a passar pelos vários estandes é que as vê. Você titubeia, como das outras vezes em que ali esteve para comprar o *New York Times*.

Você resolve caminhar em direção ao alvo, fingindo ir folheando com interesse ou curiosidade revistas nos vários estandes especializados que ficam entre a porta de entrada e o fundo da loja.

As várias revistas femininas aparecem primeiro, logo depois dos jornais diários e das revistas semanais de grande circulação, tipo *Time* e *Newsweek*, e das chamadas revistas para intelectuais, como *New Yorker* e *Harper's*. Na crise atual da imprensa, a mulher deve ser o público leitor mais fiel. Você pensa que o velho preconceito é ainda válido: quem gosta mesmo de ler é mulher. No multimilionário repertório coloridíssimo, você apanha distraidamente o último número de *Elle*, já dedicado à moda do próximo verão (neste momento em alguns estados deste país já é verão!, não há como você não se dar conta disso e sentir inveja dos californianos). O verão, segundo a capa da revista, promete e anuncia, ao lado da foto da mocinha de maiô, tomada de cima para que ficasse mais saliente a peitaria digna de Jayne Mansfield, o retorno estrondoso dos Beatles, e se exhibe cantando “Here Comes the Sun”. Você folheia a revista. Sucedem-se sob os seus olhos fotos e mais fotos de moda, legendas e mais legendas, quase nada de texto em página inteira para a leitura. Sapatos e mais sapatos, peças íntimas rendadas e coloridas insinuando sedução, perfumes e águas-de-colônia que saem de flores silvestres ou caem como pétalas dum jato d’água. Você muda de opinião: mulher moderna gosta é de ver. Muito corpo bronzeado, muitos óculos escuros, muita areia amarela, muito mar azul, muito céu vermelho. A brisa tropical da manhã inventa o movimento verde das árvores, que coincide com as poses dos modelos em insinuantes maiôs de cores berrantes, ou em discretos vestidos leves de tom pastel. Não dá outra: Marilyn Monroe ou Jackie Kennedy?

Você se lembra duma sequência de *Cantando na chuva*. Gene Kelly, depois de quiproquós e cenas de pastelão, reencontra por acaso Debbie Reynolds no estúdio em que trabalha e quer lhe dizer que está apaixonado por ela. Debbie duvida da sinceridade dos sentimentos

dele, pois as revistas de fofocas dizem que o famoso ator está noivo da grande estrela Lina Lamont. Ela lhe pergunta se seria bom para a imagem dele se os dois fossem vistos juntos, andando pelas ruas do estúdio.

Gene Kelly não responde à pergunta, diz a Debbie que é um canastrão e que, por isso, não consegue dizer ali o que está tentando lhe dizer. Precisa dum “cenário ideal”.

Você se lembra do instante em que ele a convida para entrar numa grande sala de estúdio. Aperta um botão e a gigantesca porta corrediça se abre. Debbie Reynolds não entende por que o amplo, vazio e sombrio galpão de estúdio seria o cenário ideal para as palavras de amor que está esperando.

“*It’s just an empty stage*”,<sup>5</sup> constata ela na adorável ingenuidade dos filmes musicais hollywoodianos que tanto te encantam.

Você se lembra de que Gene Kelly conecta a chave elétrica duma iluminadora e canhões de luz se acendem todos ao mesmo tempo, emprestando cores suaves ao ambiente morto. “Um lindo pôr do sol”, diz ele dando sentido aos primeiros borrões coloridos da paisagem no galpão sombrio. Liga outra máquina, de fumaça, e nuvens de fumaça sobem do chão. “Brumas das distantes montanhas”, continua ele a pintar com palavras o cenário ideal. Acende mais refletores, “Luzes coloridas no jardim”. Você se lembra da escada de pintor que se destaca no amplo cenário vazio como na peça *Nossa cidade*, de Thornton Wilder. Debbie Reynolds sobe alguns degraus. “Uma dama em seu balcão, cercada por trepadeiras”, descreve o novo Romeu. Ainda não está satisfeito. “Juntemos a isso quinhentos mil quilowatts de nebulosas”, diz, e acende mais refletores. Por fim, liga um grande ventilador e as pás se movem enlouquecidamente, “Uma gentil brisa de

verão”. Como você ia esquecer o rosto meigo e tolo de Debbie Reynolds, que pergunta a Gene Kelly:

“Agora que você já tem o cenário ideal, poderia me dizer o que tem pra me dizer?”

Você se lembrou de Gene Kelly e Debbie Reynolds em *Cantando na chuva* e agora vê o retrato dele na capa duma revista do próximo estande. Dedicado às artes do espetáculo, o estande tinha, no centro e por todos os lados, pilhas e pilhas de variados *TV Guides*. Gene Kelly acaba de morrer, pacificamente, durante a noite, sem que a própria mulher se desse conta. Ao lado de foto sua recente, um rosto tomado pelos anos e com os olhos perdidos na vaguidão da esclerose, estão sucessivos quadradinhos do rosto juvenil e maduro. Dispostos em vertical como fotogramas, eles reproduzem várias cenas antológicas de filmes dele, onde o sorriso domina os gestos de dançarino sem a pose clássica e os passos certos e majestáticos de Fred Astaire.

*Strictly Ballroom*, você se lembra do contraste que está tão bem representado no filme recente que veio da Austrália. Gene Kelly tinha algo do boneco desengonçado que era Judy Garland, tinha algo desse boneco desengonçado e mais qualidades de polichinelo e acrobata, arrastando pés, ajoelhando, saltando barreiras e sapateando de um lado para o outro da tela, num estilo que Donald O'Connor levou às últimas consequências. Depois musical virou rock and roll, depois virou coisa de beach boys. Hoje o gênero se sofisticou e tudo quanto é melodrama dos anos 1950 recebe música, letra e coreografia para brilhar com as luzes néon da Broadway, seduzindo os grandes atores que, sem voz, recorrem ao microfone na lapela. Todas as noites o musical chuta para a off-off-Broadway os grandes dramaturgos americanos e estrangeiros. O

ingresso para um musical pode ser vendido até a duzentos dólares pelos cambistas.

Você salta para o estande de revistas sobre esporte. Você nota Ayrton Senna na capa de uma delas, com o eterno rosto de bebê chorão. Comemoração de aniversário da morte, você adivinha. Adivinha errado. Puro sensacionalismo, isso é o que vende hoje. Especulações e mais especulações, com fotos e gráficos, sobre as circunstâncias do trágico acidente durante a corrida na Itália, neste mês em que, por falta de matéria quente, anunciam o começo da temporada de Fórmula 1. Num box, o repórter historia o desentendimento entre a noiva e a família do piloto. Te dá preguiça abrir outra revista. Halterofilismo. Homens e mulheres mostrando os bíceps musculosos, contraindo os quadris delgados, o todo superior suspenso em pernas colossais. Você as evita com asco. Músculo, para você, tem de ter utilidade. Ou para o trabalho ou para o gozo. Carros, carrões, picapes voam em cores berrantes e metálicas pelas estradas do interior, com famílias felizes a bordo; botes e velas, ao lado, e o incomensurável mar azul ao fundo; motocicletas mais abaixo correm tombadas pela curva de uma pista; nas revistas ao alto cestas de basquete sustentam o atlético corpanzil suado de um jogador negro; tacos de beisebol e de golfe ilustram outra capa, com fotos de atletas famosos que você desconhece totalmente. Ali, naquele estande, estão todos os esportes populares nos Estados Unidos. De novo, asco da mesmice norte-americana, como se esporte de macho tivesse sempre de ter um bastão à espera ou à espreita da bola, manejado com destreza, esticando o braço másculo e tenso como o nariz de Pinocchio. Quem não tem pau caça com taco. Você não consegue descobrir uma revista dedicada ao soccer. Você quer se certificar se o Rei Pelé ainda é objeto cobiçado pelos repórteres do

mundo inteiro ou se, agora que é ministro de Estado, recebeu a aposentadoria esportiva.

O estande de revistas sobre e para negros vem a seguir. A revista *Ebony* se impõe pela altura da pilha: mostra na capa o retrato duma distinta família negra norte-americana, classe média sólida e feliz, o rapaz vestido de terno escuro e gravata, como o pai, conhecido homem político, e a menina mais jovem, esportiva, com pulôver de moletom branco onde sobressai o distintivo da Howard University. No mesmo lugar do distintivo, mas no vestido vermelho da mãe, um belo broche de ouro e pedras preciosas. Ao fundo, parte de um quadro de artista contemporâneo, visivelmente abstrato, encimando uma cômoda onde se destacam alguns objetos de prata. O filho será homem de negócios, como o pai. A menina, boa companheira e boa dona de casa, como a mãe. Você nota na foto a intransigência do patriarcalismo arrivista negro e certo sotaque visual macho no modo do fotógrafo compor a cena familiar. Na prateleira de baixo, a revista *Modern Black* pergunta na matéria de capa, abaixo duma foto em que dois corpos negros, brilhando como luz pelo efeito do óleo na pele, se enroscam rodeados por letras e em fundo verde — a capa da revista pergunta se as mulheres negras estão sabendo amar os homens negros. Os dois corpos se beijam, se entregam um ao outro, deixando que você pouco distinga os contornos de um e os do outro, um único corpo andrógino, platônico, ou talvez o valente corpo em v duma amazona, pois o protuberante e farto seio feminino se compõe de maneira angulosa e orgânica com um atlético peito masculino, e a capa da revista continua te perguntando se as mulheres negras estão sabendo amar os homens negros e promete em letras menos espalhafatasas que, lá dentro, a

leitora aprendiz de feiticeira irá descobrir as mil e uma receitas para agarrar e agradar o homem da sua eleição.

Chicotinho-queimado. Está esquentando. Basta você saltar um estande e já estará no fundo da loja.

---

1. *“It was not fit to print.”*

2. “Um dia destes, você verá, a gente se reencontrará/ Nalgum lugar, onde quer que seja, guiados pelo acaso.”

3. “E, com as mãos dadas,/ pelas ruas nós caminharemos.”

4. “Te tomarei pela cintura,/ e dançaremos tranquilos/ longe das pessoas da cidade.”

5. “É só um estúdio vazio.”

# Days of wine and roses

*(Dias de vinho e rosas)*

*Tristeza não tem fim, felicidade, sim.*  
Vinicius de Moraes, *Orfeu da Conceição*

Você acorda durante a noite. Você não sabe onde se encontra. Que horas são? Não há razões para você viver onde está morando. Você se levanta da cama no escuro. Sente uma corrente fria de ar nas pernas descobertas. Ela sobe pelo corpo até a cabeça. A cabeça se confunde com os pés. Você caminha para a sala rolando em cima dela, como o menino saltimbanco do quadro de Picasso. Você se aproxima da poltrona que dá para a janela e de lá, sem acender a luz do abajur e já sentado, redescobre os próprios olhos, vendo a rua deserta e iluminada às quatro horas da manhã.

A poltrona é velha e não muito cômoda. Está encardida pelo uso. Ela não combina com você. Você não combina com ela. Muito grande, não há como escondê-la no armário embutido, onde você escondeu os vários quadros que estavam dependurados nas paredes. O apartamento de quarto e sala foi alugado com os móveis e os quadros. Falta o dedo, falta o gosto. Você fica ao lado dos móveis, dentro do apartamento. Você está vivendo no apartamento como se morasse num quarto de

hotel. Você liga o aparelho de televisão. Você e os móveis se entreolham de perfil, como bandido e polícia se estranham um ao outro no filme que está sendo exibido a esta hora da madrugada.

A vidraça quadricula o lá fora da madrugada de inverno. Você faz de conta que ela está aberta. Neste momento você não quer saber as razões pelas quais você faz de conta que ela esteja aberta. Ou as outras razões pelas quais você gostaria de saltar para a calçada pela janela deste terceiro andar. Você está lá fora gozando o vento da madrugada gelada no corpo aqui dentro. A tempestade de neve que desabou na quinta-feira preencheu o fim de semana de toda a cidade. Você recebeu dois telefonemas, o primeiro desmarcando um encontro e o segundo suspendendo um jantar. O gramado das casas ficou recoberto de branco. Também as calçadas. As árvores nuas são paus secos cinzentos e amedrontadores, menos os pinheiros. Estão verdes e enfeitam a cidade para o Christmas.

Não foi fácil caminhar de volta para casa na sexta-feira. O céu continuava nublado e pesado. O vento frio que soprou durante toda a noite e pela manhã transformou a neve depositada na calçada num arriscado rинque de patinação e este fez do solado das botas arremedo de patins. Não se ouviam vozes humanas pelo caminho. O silvo cortante do vento rabiscava e apagava nomes próprios nos seus ouvidos, rabiscava e apagava. Você imaginou que não havia casas na cidade. Não há casas. Só ruas. Você imaginou que não havia famílias na cidade. Não há famílias.

O asfalto se deixou tingir momentaneamente de branco, figurando-se depois como uma comprida e interminável faixa paralela e negra à sua frente. Uma faixa ensopada e suja, transformada em pura lama pelo atrito dos pneus dos carros. A faixa paralela apontou para a fuga, ou

para o vazio em perspectiva das lâmpadas dos postes. Você preferiu o vazio de pirilampos elétricos perfilados até o infinito da sua visão. As estrelas são inacessíveis e têm uma organização anárquica. Tapando e destapando os ouvidos para evitar o congelamento das orelhas, você brincou, como se brinca com uma concha, com o marulhar dos motores pouco apressados dos automóveis que trafegavam com farol baixo.

Ontem não caiu a neve que os boletins meteorológicos fornecidos pela televisão anunciaram nos sucessivos jornais da véspera. Choveu pela manhã. Uma chuva desentranhada do gelo como um bom daiquiri mexicano. O branco foi varrido dos jardins e das calçadas. Você conta as poucas pilhas de neve, nem brancas nem negras, feitas pelo trabalho das pás, e agora ilhadas pela sujeira da lama e enrijecidas pelo vento. Da janela são onze pilhas, sentinelas às saídas de entrada para as garagens, como se fossem as latas não do lixo doméstico, mas do lixo celeste. Os gramados perderam de vez o pouco de verde que ainda ostentavam antes da tempestade e agora estão amarelados, deixando a pura cor marrom de terra se salientar.

Você se levanta da poltrona nesta madrugada de domingo e procura, com o rosto rente à vidraça, o boneco de neve visto e apreciado ontem. Não consegue vê-lo. Estava desfigurado ontem, terá se derretido com a chuva. Ostentava um petulante chapéu de palha vermelho, resto das férias de verão da família, e um cachecol preto em farrapos. Alguém, só pode ter sido por molecagem, tinha atochado uma espécie de charuto no que tinha sido a boca. Você tirou o charuto e ajeitou o chapéu de palha vermelho na massa branca disforme. Só não trouxe o chapéu para casa porque ainda não tinha a condição de lixo. Neste domingo ele é do lugar para onde o vento o levou.

Já em casa, na quinta-feira, com os flocos de neve da tempestade lambendo o vidro da janela, você não sabe por que, por que você chamou Roy no telefone. Não o via fazia muitos anos. Quinze pelo menos. Nem uma carta, nem uma palavra amiga trocaram durante todo esse tempo. Você partiu sem lhe deixar o endereço. Um dia você não quis revê-lo.

Você não tem vontade de revê-lo. Tem vontade de conversar. Os móveis do apartamento alugado são feios, sujos e velhos. Os quadros estão escondidos no armário embutido. Você não está contente com as imagens do cotidiano na tela da televisão. Você já não ouve as diferentes vozes que falam para você, te olhando fixamente nos olhos, informando-o do estado do mundo nesse dia.

Você já esquentou e comeu a sopa enlatada. *Clam chowder* ao estilo de New England, enriquecida com meia colher de missô. O corpo transpira. Você tira a camisa de lãzinha. Fica só de camiseta, cueca e sandália havaiana. A calefação aumenta, a temperatura cai lá fora. Você molha o pano de prato e o estica por cima do radiador para ver se as narinas não reagem à falta de umidade no ambiente. Você abre a geladeira, retira uma pera e o pedaço de queijo suíço envolto em papel-celofane. Você come a pera com pedaços de queijo e algumas ameixas secas. Toma depois um gole de uísque. No gargalo. Você pensa agora que o telefone é uma forma de encontrar uma pessoa sem verdadeiramente encontrá-la. Você toma um segundo gole de uísque. No gargalo. Você está adquirindo maus hábitos.

Sob o pretexto de necessidade de falar com alguém por ocasião da tempestade de neve — foi por essa razão que você discou o número de Roy. Pelo menos foram estas as suas primeiras palavras no telefone, depois de se identificar e de ouvir a expressão de espanto e alegria do

outro lado. Sem mais nem menos, você tinha desaparecido da vista dele havia quinze anos. Você tinha convivido com ele durante seis anos. Fora amante dele. Não do tipo carrapato, rola rolando dia e noite na mesma cama e sob o mesmo teto. Você sempre teve o seu apartamento, embora sempre encontrasse Roy no dele. Houve razões para você estar com ele naquela época. Não há razões para você revê-lo agora. *Ficarei eternamente tirando água do poço com os baldes da memória?*, você inventa a pergunta sentado na poltrona encardida que acolhe e rechaça o inquilino brasileiro de nariz arrebitado. Sorri da pergunta, sorri da poltrona encardida de onde é feita a pergunta, sorri da pessoa que faz a pergunta sentada na poltrona encardida. E volta a contar as pilhas de neve esparramadas pela calçada que aparecem agora como montes de feno em quadro bucólico. O riso fica desbotado quando se descobre em contradição com os dedos que apertam as teclas do telefone.

Roy te disse que se lembrava de você. Muito.

“Lembrar até que você pode, não sou eu quem vai duvidar, mas será que pode me reconhecer?”

“Só tirando a prova”, disse ele, insinuando um encontro urgente.

“Sempre querendo tirar uma casquinha?”

“E que mal há nisso?”

“Desta vez não estou morando tão perto assim de você.”

“E é preciso? Para isso existem os meios de transporte. Neste país funcionam, principalmente os transportes públicos”, acelerou a vontade de te ver.

“E também o telefone. Também ele funciona maravilhosamente. Nunca tive uma conversa interrompida porque a linha tivesse caído”,

você cortou de vez a ironia e a conversa mole dum futuro tête-à-tête na cidade dele, no apartamento dele, na cama dele.

“Estou em desvantagem”, continuou.

Você não sabia a que ele se referia e ficou em silêncio.

Ele retoma a fala: “Você sabe o meu número de telefone, aliás, o de sempre, e eu não sei o seu. Me dê o seu número. Pelo menos o número”.

Entre o pedido do seu número de telefone e o *pelo menos* houve uma pausa. O *pelo menos* dele serviu para cortar o riso irônico e vitorioso que você tinha ameaçado durante o que agora você reconhece ter sido uma pausa a mais.

Você negaceia. Não quer ainda lhe dar o número do telefone, muito menos o endereço ou o nome da cidade, tão próxima, onde você veio trabalhar durante uma curta temporada. Não há razões. Pura birra. Você sempre teve prazer em esconder de Roy os seus novos números de telefone. Gostava de aparecer no edifício dele, anunciando-se pelo interfone da portaria. “Você tem a chave do apartamento. Para que tanta cerimônia?”, perguntava ele, dando por encerrado o ritual tolo. Você não gostava de surpreendê-lo. Gostava de não se fazer esperado.

“Já está de pijama?”, pergunta você.

“Acertou.”

“O de seda?”

“Acertou de novo. Um terceiro, quarto ou quinto, não sei, perdi a conta. Aquele pijama que você me deu de presente no nosso último Natal, o segundo, virou farrapo há muito tempo. Só não digo que foi pro lixo, para não ser indelicado. Mas o padrão do tecido é o mesmo. A loja também, Bloomingdale’s. A qualidade da seda é que não é mais a mesma.”

“Motivo indiano?”

“Motivo indiano.”

“Anos 1960?”

“Anos 1960. Motivo indiano, anos 1960. Bom observador.”

“Boa memória”, você o corrige.

“Guardada a sete chaves.”

“Quando é que você vai perder essa mania?”

“Qual delas? são tantas!”

“A de ir pra cama vestido com pijama.”

“Quando você conseguir me convencer.”

“Te convenci tantas vezes a dormir nu.”

“E um dia deixou de convencer. Pensei que você tivesse deixado de lembrança o pijama de seda para que eu não deixasse de vesti-lo antes de ir pra cama. Pensei errado.”

“Uma boa lição costuma valer pra sempre.”

“Qual? por exemplo.”

“Ensinar uma pessoa a descobrir a própria pele enquanto adormece.”

“Te dou outro exemplo, quer?”

“Se for de graça...”, você espicaça Roy.

“Ensinar uma pessoa a descobrir a sensualidade da seda sobre a pele.”

“Você nunca mais dormiu nu?”, insiste você, com malícia.

“A ocasião faz o monge.”

“O hábito...”

“Você entendeu. Não se faça do que não é.”

“Tolo?”

“Não. Ciumento.”

“E o que é feito do robe de seda que te dei?”, pergunta Roy.

Você não responde. Muda de assunto.

Você pergunta pelos velhos amigos.

Ismael está morto e enterrado na Colômbia. Os familiares vieram buscar o corpo dele.

“Foi o fígado que pifou de vez?”, você pergunta e ele confirma, ratificando a sua boa memória. Teresa, a sandinista, mudou de ideias políticas e de estilo de vida. Casou e fugiu para o México com um gringo rico e mais os filhos que não eram dela.

“E Donald? E Tom? E Robert?” Os outros amigos — você descobre que não adianta ir mencionando mais os nomes da velha turma para ir matando as saudades dos bons tempos. Naquela época, Donald quis ser ator ou bailarino na Broadway. Tom trabalhava dia e noite numa companhia de seguros e Robert, filho de papai rico, pintava telas num loft do Village que mereciam ser rasgadas. Os outros amigos — ele não sabe do destino deles.

Sabe, você também sabe, mas preferem silenciar.

“Os tempos já não são os mesmos”, você percebe que a voz dele perde o tom decidido da investida inicial.

“Os corpos já não são os mesmos”, você ecoa a frase de Roy, sem coragem de dizer que a vasta cabeleira negra, que contrastava na cama com os cabelos louros dele, agora são cabelos brancos raros e ralos. Daquele tempo, só a barba espessa. Cada vez mais espessa.

“Nem os bares são os mesmos.”

“Houve um dia em que todos se fecharam.”

“Você não estava aqui para vê-los irem se fechando.” Você não sabe se, com esse comentário, Roy lamenta o seu desaparecimento da vida dele, ou o sucessivo fechamento dos bares.

“Posso não ter presenciado o fechamento dos bares de Nova York”, você contra-argumenta, “mas fui vendo eles irem se fechando por muitas outras cidades tão interessantes quanto a sua.”

“Não viajo tanto. Aliás, não viajo nunca, você sabe, a não ser ao redor do meu quarto. Quando muito atravesso a Quinta Avenida e vou ao West Side para ver uma peça de teatro. Não sei se é pior saber que todos os bares se fecham na aldeia, ou saber que se fecham mundo afora.”

“Você não perde o seu jeito de ser provincianamente nova-iorquino”, você comenta a maneira orgulhosa e sarcástica como Roy define a grande metrópole norte-americana, lembrando-se depois do contraste entre a maneira como programavam as suas vidas enquanto viveram em apartamentos separados e na mesma cama.

Você dizia, então, que ele levava jeito de dono do império. Um londrino no século XIX às margens do Tâmis, com a curiosidade satisfeita a cada navio que chegava com as notícias das colônias.

Ele replicava, dizendo que você levava jeito de dono de empório. Um exportador paulista de café do início deste século, vistoriando os negócios pelas metrópoles do mundo chamado civilizado. E se divertindo, e como!

Você intuía certa mágoa controlada nas palavras dele.

“Existe alguma coisa de mais universal do que ser provinciano em Nova York?”, continua ele, só para te deixar perturbado.

Você diz que ele não perde a oportunidade de ficar calado.

Aquela era a frase preferida dele quando vinha ver você arrumar as malas para uma nova viagem ao exterior, ou desfazê-las depois de um périplo pela Europa ou pela América Latina, para ele totalmente desnecessário. O capítulo viagem não pertencia ao apartamento dele.

Servia para a listagem na caderneta de endereços dos inúmeros apartamentos abandonados por você e dos muitos números diferentes de telefone de que você foi assinante.

Roy dizia então que o universalismo provinciano do nova-iorquino não era invenção dele. Tinha chegado à ideia e conseguido formular a frase depois das muitas conversas com correspondentes de jornais brasileiros que você tinha apresentado a ele. “Tão tolinhos”, dizia ele em português estropiado, imitando um amigo comum, Zeca.

Você encobria a inevitabilidade da viagem ao exterior com somas milagrosas de dinheiro, vantagens na profissão, saudades de amigos, tédio da vida trepidante nova-iorquina, e podia ainda se valer, como o comandante do navio que soçobra se vale de qualquer objeto a bordo para se salvar, da palavra que estivesse à mão.

Roy sabia por que você viajava. Se todas as viagens são a mesma, basta fazer a primeira para ter a experiência. Roy tinha feito a primeira e única viagem depois de se graduar numa universidade do interior do país. Ele dizia que sabia das razões da sua nova viagem num misto de silêncio e malícia.

Você tinha medo do estrago moral que a ternura ressentida e silenciosa dele te causava e, por isso, imediatamente lhe dava o troco, perguntando por que é que ele guardava tanto amor pela mesma cidade? pelo mesmo endereço, pelo mesmo número de telefone? É também o que você quer saber agora, quando a antiga frase dele, retomada por acaso na conversa telefônica, tinha acabado de ecoar pela madrugada do apartamento alugado, levando-o a avaliar de novo o lugar onde estaria morando por mais alguns meses.

Esses móveis não são tão feios nem estão tão sujos. Não são iguais aos móveis que você tem em casa, mas são em tudo por tudo iguais aos

móveis dos diferentes apartamentos alugados por onde o seu corpo transitou. E a sua cabeça e imaginação trabalharam. Eles não têm a marca do dedo, não têm as cores do gosto, não sentiram a acidez corrosiva dos produtos de limpeza. São como são os inquilinos que vão acolhendo um após outro, indistintamente. Cara de um, focinho do outro. Sem essa de desconfiança mútua. Olhe-se no espelho do banheiro. Você não verá a sua cara, verá refletida uma cabeça cubista.

Depois de alguns segundos de silêncio, você diz a Roy que voltará a chamá-lo qualquer dia destes.

Ele não se surpreende com o término abrupto do telefonema. Te deseja boa sorte.

“Antes, não tive oportunidade de te desejar boa sorte”, acrescentou.

Você desejou o mesmo para ele e desligou.

Na madrugada fria de domingo, sentado na velha poltrona encardida pelo uso, você não sabe se algum dia, em algum momento, chegou a amar Roy. Você jamais quis admitir que a convivência esfria a lembrança dos primeiros dias, dos primeiros meses, e que a perspectiva da convivência falseia a intensidade dos sentimentos e das emoções compartilhados. Vocês viveram uma longa relação sexual e amorosa. Durou o que tinha de durar, dadas as características da sua personalidade. Durou menos do que devia ter durado, dadas as características da personalidade de Roy.

Para os amigos mais íntimos, lembrando o passado, você disse e repetiu que tivera um caso longo com um gringo em Nova York. Você sabe que não foi um caso. Pode não ter sido paixão, mas classificar o relacionamento de *caso* é minimizar experiências que te constituíram e te transformaram no que você é hoje.

Perguntado por esses amigos se sentia saudades dele, daqueles anos em Nova York, respondia que não. “Boas lembranças”, respondia. Lembra-se do gringo como a gente se lembra dum bom amigo da infância que, sem dizer adeus, tinha desaparecido na curva da adolescência. Lembra-se da cidade como a gente se lembra da ponte de onde pela primeira vez se quis pular para a eternidade.

Sempre que você viajava para os Estados Unidos, ou passava por Nova York, o dedo indicador da mão direita tinha comichões antes de se entregar ao sono. Você contra-atacava a curiosidade despertada pela solicitude do aparelho de telefone no criado-mudo ao lado, inventando programas para o dia seguinte.

Você não é vulgar. Você não gosta de ser vulgar quando conversa com os amigos. Você é vulgar quando trata de se convencer de que agiu corretamente nas relações amorosas. Você se transforma num voyeur de você e de seu companheiro, como esses casais há muito casados que vão transar no motel porque lá tem espelhos no teto e nas paredes.

Você traduz as carícias iniciais trocadas com Roy pelos nomes mais grosseiros dos órgãos sexuais envolvidos na batalha do leito e, com a fita métrica da retina, mede tamanho, diâmetro e largura e, com a sensibilidade dos ouvidos, faz a listagem completa dos ruídos malcheirosos e envergonhados e, com a suavidade do tato, apalpa espessura e asperezas, descrevendo em seguida os túneis vulgares lubrificadas pela saliva pastosa e as rotas clandestinas perseguidas e finalmente permitidas e devassadas. Você menospreza a ânsia gerada pelos movimentos repetitivos, ridículos e nada monótonos, enxergando nela o prejuízo do suor que se torna pegajoso e nojento, a sujeira das peles lambuzadas que reclamam sabão e o banho de chuveiro e o cansaço dos músculos que teriam optado pelo descanso naquela noite

de dia cansativo. Você descreve o gozo sexual enunciando os vários nomes do líquido, quanto mais sórdidos os nomes, e nojentos, mais vantajosos; você descreve o gozo sexual medindo a quantidade expelida do líquido e a frequência, atendo-se a dados complementares como a indolência ou a agressividade do esguicho. A memória das suas experiências amorosas com Roy é como os dois espelhos ovais e reflexivos do guarda-roupa, que a decoração fim de século permitia ter ao lado da cama do casal. Recordando, você se vangloria da capacidade que tem de oferecer pele, boca, dentes, órgãos, músculos e líquido que satisfazem.

Posso imaginar a que conclusão você vai chegar. Você não precisa enunciá-la. Posso enunciá-la para você:

Você nunca chegou a amar Roy.

“Eu nunca cheguei a amar Roy.” É isso que uma vez mais você diz para você neste momento em que as primeiras luzes do dia cinzento tornam um pouco mais nítidos os móveis encardidos, velhos e feios da sala. “Não cheguei a amá-lo.”

Você é vulgar.

“Ele serviu para me tirar a porra dos colhões como um fazendeiro ordenha uma vaca leiteira.” Você continua, dizendo que você foi a vaca, e ele, um bezerro que você teve de desmamar à força.

Com o dia já claro, você volta para a cama sem planos para o domingo nevado que vem pela frente.

A noite desce cedo no inverno e parece que vai descendo mais cedo neste domingo em que você acorda tarde e nada faz nas poucas horas do dia, a não ser olhar sem ver as sucessivas transmissões de jogos esportivos na televisão. Antes que a noite desça de vez e mais uma vez,

você olha pela janela a neve, que volta a cair recobrando de branco as redondezas quadriculadas.

Os flocos voltam a dançar alegres ao ritmo do vento. Lambem a vidraça. Abraçam-se aos ramos dos pinheiros. Assentam-se aconchegantes no gramado e rarefeitos na calçada. Os automóveis deslizam lentamente, iluminando com os faróis a sujeira da lama na rua. Você aperta as teclas do telefone. Compõe o número de Roy.

Uma voz gravada do outro lado diz que o número discado se encontra desativado. Você acredita que tenha discado o número errado. Para se certificar, relê o número anotado na velha caderneta de endereços. Aperta de novo as teclas. Você não deixa que a voz gravada termine a mensagem.

Você busca na lista telefônica o número da informação. Pede o telefone de Roy.

A telefonista informa que o número não pode ser fornecido. Você insiste, dá o endereço do assinante.

Ela lamenta e diz que o assinante trocou de número e acrescenta que, por uma módica quantia mensal, ele tem o direito de não ter o seu novo número publicado na lista e de impedir a sua divulgação pela telefonista de plantão. São as regras da companhia, ela termina.

# Bop be

*Sólo las madres saben mirar, tienen la sabiduría de la mirada, no miran para seguir las vicisitudes de una figura en el tiempo, el desplazamiento del móvil en las carrileras del movimiento, miran para ver el nacimiento y la muerte, algo que es la unidad de un gran sufrimiento con la epifanía de la criatura.<sup>1</sup>*

Lezama Lima, *Paradiso*

O sol de setembro a pino.

O viajante abre os olhos. Tinha chegado a um descampado branco de neve que, sem a barreira das montanhas ao fundo, se perdia de vista. Para ter chegado ali, teria sido preciso que ele tivesse saído de algum lugar. Ele não se lembra de ter saído de lugar algum. Ele está ali. Ele não sabe se sempre não esteve ali. O viajante está num descampado branco de neve sob o sol de setembro a pino. Pode ser o polo Ártico, pode ser o polo Antártico. A Groenlândia ou o Alasca. Pode ser e não é.

Não sente frio, não sente calor. Não deve ser inverno neste lugar; se for inverno, pensa o viajante, a calefação artificial é perfeita. E continua a pensar que tudo ao redor é uma estufa debaixo dum imenso domo geodésico imaginado e construído por Buckminster Fuller, com temperatura regulada por algum termostato diabólico e tirânico.

Agradável à pele, a temperatura ambiente permitiria que o viajante tirasse meias e sapatos, camisa, calças e cueca. Está sozinho, como num galpão vazio de mercadorias, como num imenso quarto de hotel, sem paredes, portas ou janelas, sem móveis, sem banheiro e sem eletrodomésticos. Poderia andar nu pelo imenso descampado branco, gozando a contradição da natureza ambiente.

O viajante gosta de neve e não gosta de frio. Gosta de calor e não gosta do sol escaldante de verão.

Prefere ficar vestido. Dá alguns passos, deixando para trás os moldes de passadas na neve como marcas do seu caminhar. Vira o corpo sem tirar os pés do chão e mede a caminhada de treze passos. Resolve preencher os moldes feitos na ida, andando de costas. Volta ao lugar onde esteve, dando a impressão de não ter saído dali.

De outro, não dele, são as pegadas na neve ali à sua frente. O viajante tinha voltado ao lugar aonde tinha chegado, ou ao lugar onde o tinham depositado.

As árvores que salpicam o descampado branco estão desprovidas de folhas verdes. Desobedecendo à geometria da seiva, contorcem-se cinzentas na paisagem branca e seguem obedientes o lento e longo aprendizado das rajadas de vento. Estas lhes foram emprestando a forma metálica de esculturas campestres, que se exibem agora para o viajante como quadros numa exposição.

“Quando é que os fortes ventos frios deixaram de soprar?”, pergunta a si mesmo o viajante para concluir, em seguida, que eles continuam a soprar porque as árvores, pela falta de folhas e pelos trejeitos dos galhos, fazem de conta que eles continuam a soprar. “Muito amor e muito ódio”, conclui o viajante. E pensa que a indiferença dos ventos não sensibiliza a natureza, pode quando muito deixá-la imperceptível como

num cartão-postal turístico onde se destacam as construções feitas pelo homem contra as montanhas verdes e sob as nuvens brancas.

Troncos e galhos de árvores emergem do branco fosforescente como se estivessem se libertando do jugo marrom da terra e da irascibilidade das raízes e tivessem, apesar da aparência amedrontadora, a fragilidade de paus fincados na neve por mãos humanas, passíveis portanto de serem arrancados por um pé de vento mais violento, ou até pelos braços flácidos de um bebê.

“Quem não vê terra, quem não vê raiz, também não vê”, observa o viajante, “a resistência da árvore à força do homem.”

Árvores sem raízes. Se houver raiz naquela paisagem, ela está invertida e inacessível aos braços humanos. A raiz é o sol de setembro a pino.

O viajante olha para o alto. Ele descobre o céu cinzento de madrugada, furado pelo sol, que mais se parece à lua. O céu existe para conservar numa redoma a paisagem desolada e aparentemente invernal. O viajante passa a fazer parte dela já que o botaram ali, ou o transportaram para lá. O sol da madrugada faz desaparecer e se acalmar os ruídos da natureza terrestre. Estes cedem lugar ao silêncio das estrelas.

Há silêncio. Não há estrelas na abóbada da redoma cinzenta, constata o viajante. O silêncio domina, com o sol setembrino brilhando de forma pálida, sozinho lá no alto, como o fiel de uma balança.

Você lhe diz para que não chame o sol pelo nome.

O sol não gosta do próprio nome. O sol tem vergonha de ser chamado de sol nessa paisagem que não reconhece o poder que a ele foi conferido pelos raios luminosos e quentes que emana. Orgulha-se de ser qualificado como setembrino. Alegra-se por ter sido comparado

pelo viajante ao fiel de uma balança. Eis o que você lhe diz. Eis o que, você pensa, ele escuta.

Adiantaria você dizer ao viajante que, se o silêncio da madrugada não combina com a falta de estrelas, também a neve não combina com a temperatura tropical do ambiente? Adiantaria você lhe dizer que o sol a pino de setembro não combina com o descampado branco, com os galhos nus e contorcidos das árvores e com o céu ao anoitecer? adiantaria?

Pouco adiantaria alertá-lo, porque a desolação, o silêncio, o calor e a madrugada sempre foram setembrinos para ele.

Raízes, o viajante volta a pensar nelas.

*Todas as formas de mundo existem para mim porque existe setembro* — se o viajante tivesse dito esta frase, que não disse, teria sido acusado de ter formulado uma conclusão apressada mas não de todo equivocada. Mais correto estaria ele, se tivesse concluído que existe um setembro (o mesmo setembro) que se abre para isto, que existe outro setembro (o mesmo setembro) que se abre para aquilo, que existe ainda outro e definitivo setembro que se abre tanto para o silêncio aquecido da madrugada de sol a pino com a luz pálida do céu sem estrelas quanto para o descampado sem fim e branco de neve e, principalmente, para árvores capazes de negar a seiva que as sustenta pelas raízes, incapazes de esquecer o vento frio e irado que as foi pouco a pouco deformando e capazes de trair a terra onde nasceram, dedicadas que estão a cultivar o destino da paisagem.

*Eis o sentido da espera* — se o viajante tivesse dito isso, estaria correto, teria definido tantas coisas de que você nem de longe suspeitava. Leva-se tempo para aprender o sentido da espera. (Não falo

da *espera*, esta não faz parte do cotidiano, mas da elaboração do seu *sentido*.)

*Eu, o viajante* — se ele tivesse se autodefinido como tal, como estaria equivocado, eis o que você veio a descobrir mais tarde.

O viajante não sabe por que o trouxeram de repente para aquela paisagem inóspita e ao mesmo tempo — reconhece — acolhedora na temperatura que ele qualifica de humana, sem apresentar provas. “Setembro é um mês que me traz amargas recordações boas, o sol setembrino é amuleto, medalha cristã, desgraça, gozo, alegria, ele é padroeiro e guia.”

O viajante não consegue distinguir caras ou nomes de pessoas envolvidas nas recordações que se amontoam como saco de gatos na sua memória, muito menos consegue se deter no significado de cada gato, ou simplesmente no conjunto anárquico dos gatos dentro do saco. Não pode defini-los, ou o conjunto deles, em termos de sensações passíveis de serem nomeadas por esta ou aquela palavra. Traz um saco de gatos na memória.

Qualquer outro teria dito que o viajante não sofre de confusão mental, sofre de amnésia.

Você não disse isso.

Os sentimentos e as emoções que o viajante sente não dependem dum agente real, concreto e incisivo, tão rarefeitos e abstratos que são. Sentimentos e emoções existem no corpo dele, como pelos na pele, como unhas nos dedos, como idênticas marcas-padrão há muito impressas a fogo no couro do gado, ou chumaços de algodão no cérebro.

A memória do viajante retém de bom grado traços brancos e esgarçados como o próprio algodão de que é constituída. Ela repele,

rechaçando como inoportuno, qualquer traço que possa maculá-la, machucá-la, torná-la experiente. Questão de sobrevivência. Sentimentos e emoções brancos num corpo vestido em campo branco de neve, onde a temperatura tem a suavidade de uma noite primaveril.

O viajante não sabe qual o meio de transporte de que se valeram para levá-lo até o descampado. Não sabe de que meio de transporte se valeram no passado para expulsá-lo (o verbo é forte e não deve traduzir a verdade dos fatos, mas é este o verbo que, na falta de lembrança precisa de acontecimentos passados, lhe ocorre e não cabe a mim buscar outro e diferente verbo). Não sabe de que veículo se valeram para expulsá-lo daquele lugar. Não sabe se se valeram de um meio de transporte público ou particular. Se se valeram de algum meio de transporte, não deve ter sido de um meio de transporte convencional.

Também não sabe se simplesmente o puseram *de volta* naquela paisagem inóspita.

Presente —

“Não é aconselhável” — é o conselho que você lhe dá, cortando-lhe a palavra — “preencher com pressentimentos lacunas tão espetaculares.”

O viajante se vira para você. Você se pergunta se ele não te escutava todo esse tempo, você se pergunta se ele até agora não estava fazendo de conta que não te escutava.

“Ou será”, pensa você em voz alta, “que eu me escondia todo esse tempo dos olhos dele? Afinal, ele para mim é companhia e eu para ele sou companhia, e uma companhia, mesmo discreta, num descampado branco de neve não é para ser desprezada. É para virar um ouvido alvissareiro e bendito, como o súbito dobrar de sinos despertando para um novo dia”, eis o que você pensa em voz alta.

Ele finge que te via, você finge que o via. Ele finge que te ouvia, você o ouvia. Ele te vê e te ouve. Não te enxerga nem te escuta.

O viajante diz que presente que sempre esteve — corrige-se: presente que sempre morou ali. As muitas viagens que teria feito, presente, foram apenas o caminho mais longo para poder chegar mais depressa, acelerar o retorno ao lugar de onde nunca teria saído um dia.

(Vejo que uma nesga de lucidez lhe aclara obscuramente este dado e ele segue o mandamento da memória, enunciando-o em voz alta:)

“Não estou me referindo a um dia qualquer, estou falando de um dia bem especial, mais precisamente, de um momento muito especial numa madrugada, quando o relógio marcava as treze para as cinco da manhã.”

Daquela minuto setembrino, soltando um berro, o viajante tinha saído para novas experiências em distantes terras.

E dali, daquela minuto na madrugada setembrina, ele nunca tinha saído, eis o modo como completa o raciocínio, ou a recordação. (Deixo as duas possibilidades registradas no papel, porque não sei qual das duas escolher como a correta.)

“A migração é ilusória”, é o que o viajante (te) diz a seguir, em evidente contradição à palavra que te deram para qualificá-lo. O viajante disse o que disse com a convicção de cristão diante do crucifixo, ou como (num filme de Hollywood) o depoente na Corte Suprema, com as mãos espalmadas apoiadas nas páginas abertas da Bíblia Sagrada. A verdade, só a verdade, nada mais que a verdade.

O viajante continua a dizer frases e mais frases, sem significado nem direção, diz frases e mais frases para não perder o hábito de falar. Diz frases para poder segurar palavras por um instante a mais, além do instante do pensamento que as formulou, para segurá-las na

impalpabilidade do eco. Pensar, segundo ele, cansa menos do que enunciar palavras. Pensar desaparece mais depressa do que a fala. A memória branca não retém pensamentos. Pode reter as frases proferidas no momento em que são proferidas. Lembrar-se delas — se passageiramente? — não sabe se pode.

Também não há sentido em economizar a voz. Nada lhe tem sido solicitado para poder gastar a energia acumulada. Que gaste a voz! Apenas os olhos são solicitados para que apreciem a paisagem branca de neve sob o sol de setembro a pino. Que os olhos olhem! Apreciem, e se recarreguem de curiosidade sobre o destino das árvores de galhos sem folhas e retorcidos pela força dos ventos irados do inverno.

“O corpo”, continua o viajante, “não se desloca dum lugar para outro da terra, apenas se acomoda pra melhor, ou pra pior, na paisagem em que sempre está.” A viagem, pensa ele, é obra do tempo, e o correr do tempo é a maior mentira que nos foi dada viver. Inventaram que, com a ajuda das horas e dos dias, o homem atravessa lugares e mais lugares como uma flecha, flecha tão rápida que dá a impressão de que não se move.

“Tola invenção”, conclui com a face clarividente de palhaço diante do mau humor da plateia. Fica com a palavra “tola” em uma das mãos, a esquerda, e com a palavra “invenção” na direita. Depois de olhá-las bem, examinando-as nas suas várias facetas, troca-as de mão e resolve que não prestam mesmo e corrige a observação: “Ridícula invenção”. Troca de novo as palavras de mão. Depois de idêntico jogo cênico, encontra-as mais imprestáveis ainda. Resolve corrigir de novo a observação: “Invenção de merda”. Tem nojo das novas palavras e não quer segurá-las. Deixa que se afundem no campo branco de neve como um pensamento se perde se não for proferido.

“Além de tudo, cá estou eu com um viajante pudico”, você comenta a atitude dele diante das palavras proferidas, deixando claro o seu protesto e desprezo por atitude tão irresponsável.

Ele te diz que não sabe por que você o vem chamando de viajante. “Eu nunca viajei”, afirma com toda a segurança e, pela primeira vez, te olha, olhos nos olhos, de maneira fulminante e definitiva. (Você nunca mais será capaz de esquecer um detalhe sequer do rosto dele.) Pergunta a você se você tem certeza de que ele deixou um dia aquela paisagem. Você responde que não tem.

“Certeza não tenho. Não tenho a mínima certeza. Foi o que me disseram que te dissesse. Repeti para você o que me disseram que te dissesse.”

“E você repete porque acredita, ou repete por repetir?”

“Não tinha por que duvidar da palavra que me foi dada.”

“Pois passe a me chamar de lavrador”, eis o que o viajante te ordena. E continua: “Sou ou não sou alguém que mora onde mora e nunca saiu de onde mora?”.

Você lhe pede para ver as mãos.

Ele as estende com as palmas voltadas para baixo e as veias salientes de velho voltadas para cima.

“Não me dê as mãos, quero ver as palmas”, ordena você de maneira ríspida. Com ele, não há meio-termo. “Elas não estão calejadas pelo trabalho do machado ou da enxada”, observa você, ao mesmo tempo que as tateia. Você lhe pede que te imite, tateando uma à outra.

Ele observa a palma das próprias mãos e tateia repetidamente uma à outra.

“Sua palma, sua alma”, diz você.

Ele te diz que entende o que você lhe diz e acrescenta:

“Palma, alma; saldo: o exílio.”

“Não repito por repetir, acreditei no que me disseram”, você lhe diz, “porque havia uma razão. Por causa da falta de calos nas mãos é que me disseram que chamasse você de viajante.”

Nada, nada te impede de chamá-lo de lavrador preguiçoso. A docilidade é o seu forte diante dos que te dão ordem e você já notou que a simplicidade é o fraco dele.

Ele presente que deve ter sempre viajado. E se satisfaz finalmente com a qualificação de viajante, que você lhe deu a pedido de outrem. A qualificação já lhe parece mais apropriada do que a de lavrador.

“Fique com ela, não há por que temê-la”, você lhe diz para tranquilizá-lo. E você retoma palavras dele: “É uma invenção de merda como todas as invenções que os homens inventam”.

O viajante tem certeza de que o mês é setembro (a palavra “setembro” se inscreve na memória dele como um fiapo de algodão encharcado de éter que subitamente pega fogo e remete a um cheiro reconhecível do passado) e que tem de se virar para poder sobreviver nesta paisagem branca de neve.

“Será que tenho?”, é o que te pergunta.

“Tudo indica que terá”, você assevera.

A paisagem está gasta como um tapete persa que foi pisado dia após dia por burocratas anônimos e noite após noite por sonâmbulos incorrigíveis. A terra alimentou as árvores que alimentaram famílias inteiras. As árvores deram flores e frutos multicoloridos, e foram cestos e mais cestos cheios esvaziados com generosidade para a alegria dos passantes. Os céus conheceram cores belas, brilhantes e intratáveis. A paisagem teve de se renovar muitas vezes sob o castigo das chuvas de dezembro, sob o peso do sol terrível de fevereiro, sob as águas de

março, sob as baixas temperaturas de julho, sob as chibatadas dos ventos de agosto, até poder acolher, já exausta, o mês de setembro. O mês em que ela adquire a forma definitiva.

O sol de setembro é um sol de madrugada.

O viajante descobre o que tem aos seus pés. Uma forma fofa e suculenta de clara batida de ovos que, à primeira vista, lhe pareceu neve. Pisando-a, ele anda num pudim de claras nevadas de onde não estão ausentes a gelatina incolor e o leite condensado que foi misturado às claras batidas para que houvesse consistência de matéria na fôrma que o cozinhou em banho-maria.

O viajante enche as mãos com o pudim que apanha no chão e as leva à boca, comendo-o sofregamente. O rosto se abre em prazer sorridente e idiota. Apanha mais um bocado de pudim e o leva à boca. O rosto está todo lambuzado, que nem o de uma criança depois das primeiras colheradas de papa sem a ajuda da mãe. As lágrimas de alegria que descem dos olhos lavam a sujeira branca derretida, deixando-a escorrer mais liquefeita pela calça.

“Você acaba de virar lavrador”, você lhe diz.

“Por causa da lambança que estou fazendo?”

“Quem explora a terra é lavrador”, você lhe explica.

Com as mãos sujas, cara e camisa lambuzadas, ele continua a não te entender.

“Quem rouba o que a terra...”, você começa a esclarecer.

“Esse pudim, esse descampado com as árvores plantadas nele sempre me pertenceram. Daqui nunca saí”, garante. “O resto”, continua, “é invenção de merda.” Diante da sua incredulidade, ele resolve não deixar dúvidas: “Me pertencem. Quem fala de roubo é você”.

O viajante se distancia do tronco onde tinha repousado o corpo para se alimentar melhor do pudim de claras nevadas e finca o corpo ao lado da árvore fincada no chão, ele próprio significando o marco de posse da terra.

“E o título de propriedade, pode-se vê-lo?”

“E precisa?”

“Ainda pergunta?”

“Pra que tanta arrogância? você é polícia? você é oficial de justiça?” Ele pede a você que olhe para as raízes da árvore onde tinha se recostado. Tudo está escrito ali.

Com a gula, o viajante tinha comido o pudim de claras nevadas ao redor da árvore e tinha deixado a descoberto as suas raízes.

Pede a você que olhe para as pernas dele, presas ao mesmo chão como falsas raízes.

À frente da árvore, o viajante abre os braços, levanta-os imitando os dois galhos mais poderosos em que o tronco se bifurca e estica os dedos de maneira enviesada para que se pareçam com os galhos mínimos em que se desdobram os dois galhos avantajados.

Nesse momento em que é cópia e sombra da árvore, o vento volta a soprar violentamente, recobrando, com bolas de neve atiradas contra ele, todo o corpo com o pudim de claras nevadas.

O viajante desloca toda a força que tem para os braços a fim de enfrentar com dignidade a fúria dos ventos e das pelotas de pudim de claras nevadas. O corpo dele, semelhante ao de uma estátua recoberta pela neve, sustenta-se na posição copiada que o escultor tinha imaginado para ele. Muito ódio e muito amor.

O vento sopra e sopra, de maneira cada vez mais imprudente, e os seus braços, fragilizados, perdem a cor e a certeza do tronco cinzento

bifurcado da árvore. Os dedos ainda tentam se manter estáticos. O corpo do viajante começa a ceder às rajadas do vento, agora agressivamente insanas. Ele quer mas não consegue se mover de onde está e se agarrar ao modelo original.

Acompanhando o vento, como amiga e companheira, cai uma tempestade de neve.

O corpo do viajante fraqueja, balança, perde o equilíbrio. Com a roupa esbranquiçada grudada à pele, cai de costas como um saco de batatas jogado por um estivador pouco cuidadoso no porão da embarcação que daí a pouco vai zarpar em viagem. Sem pressa, pouco a pouco, os flocos de neve recobrem o corpo deitado do viajante, escondendo-o, sepultando-o.

Você não vê mais nada no descampado branco de neve que, sem as montanhas ao fundo, se perde de vista. Você vê apenas as árvores sem folhas com seus trejeitos de mulheres nuas e loucas que, à semelhança da mulher de Ló, viraram estátuas. Daqui de onde você contempla a paisagem branca de neve, a árvore de galhos bifurcados que serviu de modelo para o viajante parece uma cruz de três braços, sem o braço de cima, onde tradicionalmente cai para o lado, em virtude do peso, a cabeça do crucificado.

Cessa o vento, cessa a neve. O viajante passou pelo descampado branco de neve sem deixar marcas da sua passagem. Algum dia, não se sabe o dia, haverá uma explosão subterrânea e o seu corpo, de tronco, membros, órgãos, vísceras, veias e nervos espatifados e irreconhecíveis, voará pelos ares, misturando-se à consistência pastosa do pudim de claras nevadas.

O sol de setembro a pino.

---

1. “Só as mães sabem olhar, têm a sabedoria do olhar, não olham para seguir as vicissitudes de uma figura no tempo, o deslocamento do móvel nos rastos do movimento, olham para ver o nascimento e a morte, algo que é a unidade de um grande sofrimento com a epifania da criatura.”

# You don't know what love is/ Muezzin (*Você não sabe o que é o amor/ Almuadem*)

*In the tangled network of a great city, the telephone is [...] the confidante of our inmost secrets...<sup>1</sup>*

*Uma vida por um fio (Sorry, Wrong Number),  
filme dirigido por Anatole Litvak*

Você adormece com a luz do quarto acesa e a televisão ligada, adormece querendo saber se lá fora continua, e por que continua caindo lá fora mais uma nevasca. Você sonha com o bairro em que mora no Rio de Janeiro, Ipanema, que paira sobre a sua cabeça como um tapete voador de estranho recorte, que lança à terra sinais brilhantes, intermitentes e coloridos. Ipanema, sozinha e inteirinha, solta no ar como bolha de sabão, é semelhante a uma nuvem branca, a uma praia de areia branca e cristalina, a uma baleia branca mergulhando e submergindo num oceano de céu azul. Sobre a sua cabeça, a imagem onírica paira primeiro como um globo leitoso de luz sobre fundo branco, depois vai se espichando como um estreito corredor de praia lavada pelo mar, como uma nuvem, espichando-se como um tubarão branco, até se parecer a uma imóvel baleia branca, mergulhando e submergindo em azul fosforescente. Depois a baleia

branca se metamorfoseia num espelho que repete a cidade coberta de neve, onde você mora agora, em apartamento alugado, e depois do depois, no final do sonho, flutua na superfície do espelho uma imagem inversa e improvável: um bairro do Rio de Janeiro, depositado entre o oceano Atlântico, a lagoa Rodrigo de Freitas e a favela do Pavãozinho, de céu azul de mar, onde o calor está no ar e na pele bronzeada dos corpos seminus que, ao caminhar pelas ruas, gostam de olhar e de olhar fixo nos olhos, de passear pela beira-mar, de jogar pelada, vôlei ou peteca na praia, onde o sol está nos meninos do Rio que gostam de pegar jacaré e surfar, onde a brisa marítima limpa devagarzinho a poluição moderna e de mansinho aquieta o organismo humano, como água de coco, e onde o banho de chuveiro, depois de se ter visto da pedra do Arpoador o sol cinematográfico se despedir no horizonte, deixa a espuma de sabão escorrer pela pele, liberando-a da gordura pegajosa do suor, que sai pelo ralo. E depois do depois do depois, uma explosão.

A campainha do telefone te acorda. Você pula da cama e, descalço mesmo, corre até a sala.

A mulher pergunta em espanhol se é Michael.

Você lhe diz em português que não tem nenhum Michael na casa.

Ela continua perguntando em espanhol se você tem certeza de que ele não está hospedado no apartamento.

“Claro que tenho”, você responde ainda em português, e bate o telefone.

Ao voltar para o quarto e a cama, depois de apagar a luz e desligar o aparelho de televisão, você se dá conta de que a dupla imagem há pouco sonhada lembra uma colagem de Rauschenberg em que o gigantesco e sólido Empire State, subindo da terra como um buriti no

meio do sertão, se reflete na mastodôntica e leve Torre Eiffel, descendo das nuvens como uma nave espacial que, no ano 2001, se reabastece de combustível na antena do Empire State. Você revê na imaginação da memória os dois bicudos que, no meio do quadro, se beijam pelos extremos pontiagudos, alongados e finos, constituindo dois triângulos, o de cima invertido. O terra a terra agressivo de um se complementa com o delírio celestial do outro.

Você pensa, deitado e à reespera do sono, que a imagem desdobrada de Rauschenberg é a soma do sonho americano da Europa no presente com o sonho europeu da América no passado. Você devaneia, imaginando o encontro desencontrado da utilidade do ferro norte-americano, empilhando milhões de caixotes-escritórios de que o homem neocolonial necessita no século XX para tocar os negócios da nação e do mundo, com a graciosidade gratuita do velho colonialismo europeu, extraindo riquezas na África muçulmana e negra para poder metamorfoseá-las na pompa e esplendor do ferro na belle époque. Em Paris foram sendo empilhadas sólidas e encantadoras molduras por onde, de baixo, o observador pode admirar o céu cinzento prenúncio de chuva e, de cima, pode deliciar-se com a paisagem metropolitana recortada ao meio pela serpente de água. Na colagem de Rauschenberg, a Torre Eiffel e o Empire State se masturbam mecanicamente na mais nova versão de *A Bela e a Fera*.

Você continua imaginando que, no caso do Empire State, as armações de ferro, fechadas com tijolo, argamassa e vidraças, interceptam a vista, obrigando o pedestre a enxergar de perto o que de mais longe existe, divisórias e mais divisórias, mesas e mais mesas de trabalho, máquinas e mais máquinas que povoam os escritórios, que saltam barulhentas pelas janelas, para dominar como tanques

blindados as ruas e avenidas, expulsando os pedestres do hábitat deles, dando ordens de comando para que o burburinho do trabalho seja a música ambiente do país e do planeta Terra. Você imagina depois que, no caso da Torre Eiffel, o ferro constrói infinitas e cínicas armações de óculos para os olhos livres, que, embalados pelo vento ríspido que varre a cidade e adocicados pelo som sinuoso dum acordeom, se deliciam com a paisagem parisiense e criam, pelo acaso das circunstâncias e durante a *promenade* despreocupada pelo Campo de Marçõ, verdadeiras obras de arte impressionistas.

O negócio patriarcal e o ócio matriarcal, você se lembra do trocadilho de Oswald de Andrade. Mais do que o elogio do negócio, o Empire State cria para os que trabalham a necessidade do ócio nos fins de semana, também com hora marcada e ponto. Mais do que o elogio do ócio, a Torre Eiffel cria a necessidade da arte cotidiana na cidade. A Paris das caminhadas a pé e dos artistas de vanguarda.

Você adormece de novo, nostálgico como uma puta de cabaré da praça Mauá, que sonha com um tapete voador que vai raptá-la para longes terras e para os braços de um só macho.

Enquanto você prepara o café da manhã — uma pera, um cacho de uvas, um iogurte, três torradas com cream cheese e uma xícara de chá —, você fica pensativo e reflete que a imagem dupla sonhada nessa noite — espelho da cidade onde você está nos Estados Unidos e reflexo do bairro onde você mora no Brasil — no máximo poderia ser o encontro desencontrado da neve aqui embaixo (que constitui a realidade de janelas fechadas com luzes acesas durante o dia, de calefação com secura no ar e de corpo vestido, realidade com que você convive nesses dois últimos meses de inverno) com o sol tropical lá em cima (que ano após ano, sempre, correu, corre sobre a sua cabeça,

levando você a abrir, tão logo entra no apartamento, portas e janelas, deixando o vento percorrer solto e sibilante os vários cômodos em contraponto à música que sai dos alto-falantes do aparelho de som, levando você a querer aliviar depressa o corpo das roupas, despertando naquele o gosto pelo meio-nudismo e pela falta de pudor).

As imagens de Ipanema que você vem extraíndo das cartas que os amigos enviam não traduzem mais a lembrança que você tem do bairro carioca. No alto do Empire State imaginado por Rauschenberg, você não beija a Torre Eiffel de concreto armado que é a Ipanema que você deixou há três anos. Arrepiado que nem a bela Fay Wray diante do selvagem e amoroso King Kong, você desentranha das sucessivas cartas uma paisagem urbana desmantelada, um bairro de calçadas e ruas esburacadas como se de repente o prefeito tivesse mandado explodir uma bomba no meio da praça Nossa Senhora da Paz.

A explosão abre valas, arrebenta canos de esgoto, libera tremendas baratas voadoras e gorduchas ratazanas famintas, levanta pelos ares e espalha por todos os cantos pedras portuguesas que, ao caírem, se empilham ao lado de tijolinhos vermelhos de estranho formato, arregimenta montes de areia e pilhas de sacos de cimento, esparrama pelo chão tubos sanfonados negros, de espessuras diferentes, deixa fios soltos que nem patas de aranha, espalha tábuas, placas de eucatex brancas pintadas com vv horizontais, arranca tampas de bueiros, tudo sob o olhar atônito e imóvel de pedreiros nordestinos, malnutridos e despreparados para o ofício, em contraste com o movimento dos pedestres que — conduzidos por vielas tortuosas de segurança, indicadas por faixas e mais faixas de plástico pintadas de amarelo e negro presas em labirínticos cavaletes — mal conseguem se equilibrar, entre um buraco e outro, entre um mendigo que dormiu ao relento e

outro, entre um camelô e outro, que estendem no saco de plástico os produtos importados via Paraguai.

A bomba desencadeia a batalha campestre ipanemense, onde foguetes espocam no céu da favela como britadeiras martelam o asfalto no chão, onde tiros de morteiro, de fuzis AR-15 e Sig Sauer são trocados na calada da noite pelos traficantes de drogas, tiros que ricocheteiam nos edifícios em nada impávidos colossos, nas calçadas e ruas da Zona Sul carioca, destruindo a placidez bucólica da paisagem praieira, cravejada com duas praças-jardins, onde você cresceu e amadureceu e por onde outrora seres humanos andavam despreocupados, ou se sentavam em mesas na calçada, para tomar sorvete no Moraes ou sorver um chopinho gelado no Zeppelin, desligados da zoeira dos bondes, lotações, automóveis e berettas que passavam aflitos e zunindo sob o olhar das palmeiras. As trajetórias chispantes dos tiros de morteiro vão retirando do baú da lembrança dos anos 1950 e 1960 o movimento alucinado dos bondes, lotações, automóveis e berettas, substituindo-os pelo alerta atual dos tambores de uma guerra primitiva e carnavalesca: os apitos estridentes de guardas de trânsito, de braços como inúteis batutas, canhestros e imobilizados como sinais luminosos diante duma longa, fantasiada e multicolorida linha em que os veículos se somam um a um, em intermináveis filas que se dobram, se cruzam, como grade, trombeteando infernal e inutilmente as buzinas, contraponteadas tanto pelas sirenes estridentes das ambulâncias imobilizadas quanto pelo tatatatá, tatatatá das britadeiras que soltam vapor pelo nariz.

Enquanto você toma o café da manhã e se lembra do sonho para analisá-lo, você vê, como que de um helicóptero às avessas, aparecerem na nuvem branca sonhada, na baleia branca que mergulha e submerge,

as feridas rubro-negras dos arpões, você vê uma infinidade de carros parados, como num gigantesco congestionamento (seria apenas reflexo dos carros que deslizam lenta e perigosamente pelas ruas da cidade nevada?), que estariam seguindo para várias direções mas que na realidade não conseguem ir a lugar algum da cidade, deixando riscos negros e precisos na nuvem branca, na baleia branca sonhada, riscos traçados de forma geométrica e racional, em xadrez.

A nuvem leitosa que nem a baleia branca de Melville no mar azul-celeste dos trópicos ganha para você um desenho inesperadamente preciso: transforma-se numa incomensurável folha de papel quadriculado, espécie de planta de arquiteto, onde se agiganta nítido, num canto, o edifício de apartamentos em que você mora, ilhado pelos tiros de morteiro e de fuzis AR-15, pelo sempre-alerta subornável do pelotão de choque da Polícia Militar, pelo trânsito congestionado e pelas calçadas e ruas esburacadas, por caras atônitas e inermes de porteiros, como se o bairro tivesse saído duma reportagem mostrada no jornal da noite sobre o Oriente Médio, esfacelado pelas guerras religiosas. O edifício ilhado nada mais é do que uma cópia deformada do edifício onde você aluga agora um apartamento e onde você adormeceu ontem à noite com a luz do quarto acesa e as imagens do jornal das onze, da cadeia ABC, saltitando coloridas pela tela da televisão, enquanto lá fora continuava a cair mais uma nevasca, a décima segunda deste inverno.

As avenidas e ruas cruzadas em xadrez da folha de papel e esquina de quatro cantos, com nomes de ruas completamente diferentes servindo para configurá-las. Talvez você possa descodificá-las com a ajuda das cartas dos amigos. Como a grafite do lápis dum arquiteto, você vai percorrendo a linha da rua de baixo, dobrando à esquerda ou à direita,

passando diante de tal ou qual edifício, escrevendo o percurso também lá em cima com as mesmas letras do corpo que se desloca, tanto cá embaixo pela cidade nevada quanto lá em cima pelo ensolarado bairro de Ipanema em pleno verão, compondo palavras e frases sem forma nem sentido. Você quer apreender a forma do contraste e adivinhar o sentido da antiga, da abandonada e da futura Ipanema, e as cartas amigas não te ajudam mais, e você se esforça por fazer a tarefa sozinho, e por mais que se esforce, nada consegue.

As frases, sem forma nem sentido, que a grafite de lápis do arquiteto vai escrevendo com a ajuda das palavras despertadas pelo telefonema de ontem à noite, acompanham o percurso do seu corpo, exibindo-lhe um bairro que mais e mais se descaracteriza pelas calçadas e ruas esburacadas, pelo engarrafamento das ruas e pelo ressoar incômodo das buzinas, sirenes e britadeiras. Você quer resolver os pequenos enigmas que as duas cidades te fabricam ao percorrer as linhas negras da planta do arquiteto, pequenos mistérios, pequenas brincadeiras, pequenas maldades, pequenos mal-entendidos, pequenos sofrimentos, pequenos malmequeres, pequenos bem-me-queres que brotam aqui e lá na paisagem do sonho e da imaginação matinal, e que surgem e saem de cena na folha de papel concreta da realidade e do sono que naquela se refugia, buscando espaço para você poder respirar e sobreviver, continuar fabricando pequenos enigmas que vão se aclarar um dia, ou que talvez nunca se aclarem, ficando como excessos da escrita onírica dum corpo protegido pela calefação e pelos cobertores numa noite de tempestade de neve numa cidade norte-americana sem nenhuma importância, texto que por muito querer significar acaba nada significando, dissolvendo-se no ar como um suspiro. Pura clara de ovo

batida com açúcar e levada ao forno, dissolvendo-se na boca de menino guloso como um suspiro.

Você volta a pensar na Ipanema atual, que as cartas amigas te descrevem. A nuvem branca sonhada, gradeada por riscos negros, transforma-se numa outra e menor folha de papel quadriculado, tamanho caderno, onde arquitetos nas suas pranchas, e trocando fax pelo telefone, brincam de jogar Batalha Naval, afundando com tiros de morteiro, nem sempre certos, mas sempre eficientes, encouraçados-edifícios, destróieres-restaurantes, torpedeiros-bares, torpedos-cadeiras, fragatas-residências, barcos-a-vela-anúncios-luminosos, sob o olhar impotente dos seus moradores de cima e de baixo.

“B8, c7, c8, c9, c10”, repete o arquiteto de cá, confirmando as coordenadas dos tiros dados pelo arquiteto de lá. “Parabéns, você afundou mais um submarino.”

Sentados nas respectivas pranchas de trabalho, os arquitetos ganham mais um buraco vazio na paisagem urbana, na planta de papel quadriculado, que pode ser preenchido submarinamente com cabos e mais cabos de fibra ótica que vão afastando para outros mares a baleia branca que mergulha e submerge em azul fosforescente, que vão distanciando, para outros Brasis, os casebres brancos e os moradores negros, mulatos e brancos das favelas.

Você pensa que é demais pedir ao prefeito que pense o bairro como construído pelos moradores de baixo e de cima, ao arquiteto que pense a cidade como a um monumento às avessas. Como tudo já está destruído por cima do velho areal de Ipanema, têm prazer em destruir por baixo para reconstruir hipocritamente por cima.

“Não tem nenhum Michael na casa”, ao tomar o café da manhã, você responde de novo à voz que lhe pergunta se é Michael quem fala,

e bate de novo o telefone.

O telefone volta a tocar.

Antes que você bata uma vez mais o telefone, a voz feminina pede favor e implora a sua paciência. Fala agora em inglês, com forte sotaque espanhol. Ela te diz que só tem esse número de telefone para contato e que precisa falar urgentemente com Michael. Caso de vida ou morte. A voz diz que tem certeza de que o telefone é do apartamento onde Michael ia se hospedar. “Foi o número que me deu, com o código da área, está escrito aqui na minha frente, num pedaço da primeira página do *New York Times*.”

Você se acalma e acata o pedido de favor e paciência: “Não, este número não é o do apartamento onde ele deve se hospedar. Às vezes...”.

“É o número que ele trazia rabiscado num caderno do jornal. Me entregou o jornal no saguão de espera do aeroporto Kennedy, quando passou apressado por mim, me dizendo, me avisando que desse no pé porque a barra estava pesada. Me liga hoje à noite, me disse ele, para este número, e apontou para o número escrito no jornal.”

“Não tenho por que duvidar da sua palavra nem da dele”, você incorpora a voz da razão, constrangido que está pela dupla grosseria, a da madrugada e a de hoje há pouco.

A voz do outro lado se sente aliviada e a respiração se torna menos ofegante. Você não bateu de novo o telefone e quer dialogar: “Ele me pediu que telefonasse pra ele porque não tinha tempo, não podia nem devia falar comigo naquele lugar e naquela hora”.

Silêncio.

Ela te pergunta: “Ele não bateu ontem pela tarde no seu apartamento, não deixou um recado por baixo da porta?”.

“Não, não chegou nem deixou recado”, você responde.

Parece que você escuta “então ele foi preso”. É a sua imaginação que conversa com você mesmo.

“Então ele ainda pode estar por chegar?”, pergunta a mulher, esclarecendo a insistência obsessiva e incômoda.

Parece que você escuta “ele está mentindo”. É a sua imaginação que conversa com você mesmo.

“Poder, pode, mas só que não será neste apartamento. Não conheço nenhum Michael, não estou esperando nenhum Michael, não estou esperando nenhum hóspede, aliás, o hóspede que eu esperava no sábado acabou me dando bolo.”

“Você o viu de novo, não viu? ele ficou seu amigo, não ficou?”

Você não sabe a quem ela se refere e pergunta: “Quem?”.

“Michael”, responde ela. “O Michael me disse que ia ficar na casa dum amigo, até que as coisas ficassem maneiras.”

“Não, não o vi de novo, não, ele não é meu amigo. E não sei absolutamente do que a senhora está falando.”

“Não precisa me chamar de senhora. Afinal não tenho cabelos brancos, não sou nem mais velha nem mais feia do que você. Você está falando com Catarina. Não se lembra de mim?”

“Não, não me lembro.”

“Não, não se lembra”, ecoa ela em tom debochado.

“Se me lembrasse, é porque tinha conhecido alguma Catarina e nunca cheguei a conhecer Catarina alguma que falasse espanhol.”

Ela pergunta se você não é brasileiro.

Você responde que sim.

Ela pergunta se o apartamento não fica na Prospect Avenue.

Você responde que sim.

Ela pergunta se o apartamento não fica no terceiro andar do prédio.  
Você responde que sim.

Ela diz o seu nome e acrescenta, em espanhol, que ontem você já estava mal-humorada (ela usa de propósito o feminino) e que agora está ficando desmiolada (idem).

Em seguida, para espanto seu, você escuta o clique do fone, que do outro lado se engancha.

Parece que você escuta “eu te odeio”. É a sua imaginação que conversa com você mesmo.

Você pensa primeiro que se trata dum trote. Ela descobriu o seu nome e endereço na lista telefônica, ou no serviço de informações da companhia onde você trabalha. Ela sabe que você é brasileiro porque você respondeu ao primeiro telefonema em português. Ela não te conhece.

Ela sabe o seu nome.

Se te conhecesse, você a conheceria.

Ela sabe o seu nome, ela sabe o seu endereço.

Se te conhecesse, você conheceria esse Michael que ela tanto procura.

Ela sabe o seu nome, ela sabe o seu endereço, volta a preocupação maior. Ela sabe o seu nome, ela sabe o seu endereço, ela sabe mais, muito mais. Detalhes tão particulares quanto uma impressão digital na carteira de identidade.

Você pensa depois que ela podia ser uma colega de trabalho, que tinha apanhado os seus dados pessoais na lista de funcionários e, por maldade, ciúme ou filhadaputice, queria te pregar um susto na hora do sono. Por que telefonou de novo pela manhã, fornecendo detalhes precisos da vida particular?

Você quer descartar outra possibilidade, você não consegue descartar essa outra possibilidade. Você pensa que pode ter conhecido, no último verão, uma porto-riquenha Catarina e um gringo Michael nalguma noite nova-iorquina de orgia, bebedeira, sexo e loucuras, e não se lembra mais dos nomes deles nem das fisionomias do casal com que você foi pra cama, como, aliás, você não se lembra de muitos outros nomes e muitas outras caras de pessoas das muitas cidades dos muitos países por onde você passou, pessoas com quem você conversou, bebeu e transou.

Você se lembra da carta dum velho amigo que recebeu na semana passada. Como no samba, ele tem cara de poeta, tem pinta de poeta e agora quer ser poeta. Você vai até a escrivania e apanha a carta. Você procura o parágrafo que te interessa e relê a frase em que ele te diz que tinha escrito um poema sobre a experiência que tivera numa sauna no Flamengo, e o enviava para você ler.

“A certa altura”, você lê em voz alta o comentário do poema escrito na carta, “o jovem goza e o poeta diz para si mesmo: ‘Agradece a Deus sem que nenhum dos dois o saiba’.” E você continua a ler que o atributo dos deuses é o infinito desconhecimento das coisas humanas. O adjetivo “infinito” está escrito à mão acima da palavra “divino”, riscada a tinta.

Você se lembra dum casal, se lembra mal, o excesso de álcool e de sexo, a mistura dos dois sempre apaga convenientemente a sua memória. Você não chega a ouvir o timbre da voz dela, a voz dele, sim, era um gringo e estava acompanhado duma mulher, você se lembra de que, ao se despedir do casal já pela manhã, no quarto escuro pelas cortinas cerradas, você se lembra, será que você se lembra? ou será que você imagina? você se lembra de que, ou você imagina que o gringo

dizia que ia passar uma curta temporada no Brasil e que logo estaria de volta.

Michael, este é o nome dele, está de volta. Catarina, este é o nome dela, está no telefone.

Você teria passado a ele um cartão de visita com o número do telefone? é o que você se pergunta agora, sem conseguir se lembrar.

Você teria dito a ele, antes de dizer *goodbye*: “Me ligue quando você voltar?”. Será que você teria dito isso a ele? Essa mania — *mea culpa*, bate no peito três vezes — que você tem de ficar distribuindo a desconhecidos cartões com o número do telefone de casa...

Finalmente, você pensa que está ficando com medo da situação que está sendo criada à sua revelia.

Ao regressar do trabalho, mal abre a porta do apartamento, você vê que a luz vermelha da secretária eletrônica está piscando. Você a deixa piscando, enquanto troca de roupa, calça os chinelos, pega um copo no armário e desenforma três pedras de gelo. Você prepara um uísque on the rocks. A temperatura baixou hoje e subiram demais a calefação. O prédio é velho, o calor vem dum radiador pré-histórico, não há como o regular. A maçaneta da torneira que controla o vapor está petrificada de ferrugem, ou perdeu o movimento pelas constantes e inábeis demãos de tinta branca. Você tira o blusão de moletom e fica só de calça. Você não bebe sozinho em casa, quando quer beber, vai para um bar. Você quer um trago. Precisa dum trago antes de pegar os recados gravados na secretária eletrônica.

“Carlos, o carro pifou no meio do caminho. Se não fosse pela ajuda e pelo jeitão rambo do polícia rodoviária, teria sido um filme de horror. Foi um filme policial, anos 1980. Botas negras, uniforme cáqui, blusão de couro, cinturão com algemas, magnum 44 no coldre e até cassetete.

Muita ação, mas muita mesmo.” Muda o tom da voz: “Judy Garland, você sabe, a gulosa, não consegue se controlar. Você acaba de conhecê-la, mas já adivinha. Consertado o carro, abusada que nem ela só, não despachou o bofe, acabou indo com ele pra onde você está pensando que nós fomos. Judy não sabe até agora como teve o desprante. Foi por isso que ela te deu bolo no sábado. Perdoa a Judy, perdoa, não é à toa que todos chamam ela de gulosa”. Pausa. Volta à voz normal: “Carlos, agora é sério, vamos nos ver neste fim de semana? Prometo checar o motor do carro antes de entrar na estrada. Estou com saudades, telefona. Dan”.

Nada na primeira mensagem.

“Michael, é Catarina. Se você estiver aí, atenda o telefone. Por favor.” Um longo silêncio. “Michael, atenda, por favor. Preciso falar com você.” Silêncio. “Carlos, é Catarina, o Michael já chegou? Estou uma pilha. Te telefono hoje à noite? Não vá me fazer uma falseta!”

De pé, você aperta o botão da secretária eletrônica para rebobinar a fita, aperta-o de novo para que se repita o teor das mensagens gravadas. Não presta atenção na primeira. Toma um gole de uísque. Senta-se na poltrona ao lado.

Um ruído mínimo, semelhante ao do clique da pedra de gelo quando você derrama o uísque no copo, um ruído mínimo tinha passado despercebido na primeira escuta. O ruído indica, será? que Catarina te chamava de telefone público.

Você rebobina uma vez mais a fita e torna a escutá-la. Quer comparar o início das duas gravações. O ruído na segunda acende retrospectivamente a memória: os três telefonemas de Catarina tinham sido dados de telefone público.

Catarina não vai largar o pé. Um carrapato perigoso. Perigoso, não há dúvida. Traíçoeiro?, você se pergunta. Pode ser. Trambiqueiro? Certamente. Achacador?, você continua se perguntando. Qual o interesse dela?, você busca sarna pra se coçar enquanto se encaminha para a cozinha. Vai preparar o jantar.

Você pensa no jantar, você pensa no telefonema que te aguarda. Você separa a memória da atenção. Resolve simplificar o jantar para poder dar mais atenção à memória. Muda de ideia. Resolve complicar o jantar para esquecer o que está passando. Opta por esta solução. Você convida ou não convida o vizinho de baixo para o jantar. Vai desperdiçar tempo na cozinha e comida na mesa. Não, não convida. Você pensa que as reações dele como testemunha do próximo telefonema podem ser imprevisíveis e incontroláveis.

Retira da geladeira uma caixa de cogumelos brancos, protegidos por celofane. Escolhe os maiores. Lava-os bem, limpando as marcas negras de terra. Enrola-os em duas folhas de toalha de papel para ficarem bem secos. Depois retira o cabinho de cada um. Joga-os na lata de lixo. Volta a envolvê-los em toalha de papel. Deixa o embrulhinho num canto da mesa. Esvazia de vez o copo de uísque. Joga o resto do gelo na pia. A entrada já está escolhida. *Champignons farcis au thon*. Abre uma lata de atum-branco italiano, deixa escorrer o excesso de azeite de oliva. Despeja o conteúdo da lata numa tigela, acrescenta meia colher de maionese, umas gotas de tabasco. O atum já tem muito sal. O polegar direito pulveriza folhas secas de *fines herbes* na concha da mão esquerda. Esparrama o pozinho verde-escuro na tigela. Mistura os ingredientes até virar pasta. Cobre a tigela com papel-celofane. Deixa-a ao lado dos cogumelos embrulhados.

Da gaveta inferior da geladeira você tira a bolsa de plástico com quatro endívias. Acende o forno. Na gaveta superior, pega o presunto embrulhado em papel laminado. Escolhe as quatro fatias mais consistentes. Depois de lavadas, enrola cada uma das quatro endívias com presunto, espetando um palito em cada para o rolinho não se desfazer. Pega um envelope de molho branco da Knorr. Numa panela você prepara o molho branco, acrescentando lentamente leite misturado a água. Busca um pirex retangular no armário. O menor. Dispõe as quatro endívias e as cobre com molho branco. Leva o pirex ao forno para gratinar.

Enquanto o forno trabalha, você pega uma frigideira. Acende a boca de gás. Deixa a manteiga derreter e coloca os cogumelos de cabeça pra baixo. Fogo brando. Tapa a frigideira. Cinco minutos depois, retira os cogumelos ligeiramente cozidos e os dispõe num prato, ainda de cabeça pra baixo, e recheia o interior de cada um com a massa de atum e maionese.

Abre uma garrafa de vinho branco, Pouilly Fumé. Serve-se num copo. Senta-se para comer os cogumelos.

Quando leva o prato vazio para a pia, o telefone toca. Toca muitas vezes. Você não atende. Você lava o prato. O álcool subiu e te deu coragem e esquecimento. Você abre o forno e olha o pirex. O molho branco ainda não está corado. O telefone volta a tocar insistentemente. Você tem vontade de atendê-lo. Você atende.

“Pensei que você tivesse ficado pela rua, ou bebendo por algum bar do centro”, diz Catarina com voz insolente.

“Acabo de entrar”, você esfria o tom.

“Não escutou o meu recado?”

“Que recado?”

“O que deixei gravado na secretária eletrônica.”

“Não, ainda não. A luzinha vermelha está piscando. O que você tinha pra me dizer?”

“O mesmo.”

“O mesmo?”, você joga verde para colher maduro.

“Michael. Ele chegou?”

“Estão tocando a campainha do apartamento. Vou ver se é ele.”

“Não brinca.”

Você está escutando a voz fanhosa de quem tinha passado o dia chorando. Você se comove. Você escuta o barulho de quem assoa o nariz. Mistura de uísque com vinho, quando sobe à cabeça, dirige-a como barbeiro ao volante.

“Desculpe. Não disse aquilo por mal. Queria tornar a conversa menos pesada. Baixo-astrol não é comigo.”

“Não adianta querer me dar esperança. Você sabe muito bem que dei o caso do Michael como perdido no passado, já falamos disso, e agora é bom que você saiba que estou dando o caso como perdido no presente. Só não me dou por abandonada, porque gosto de lutar pelo que amo. Só não fui ainda à polícia ou ao necrotério porque seria dar bandeira demais.”

“Você acha que ele foi preso ou assassinado?”

“Acho, não, tenho quase certeza.”

“E aí?”

“Preso, pega pelo menos trinta anos...”

“Trinta?!”, você a interrompe, reagindo. “Você sabia o que estava por trás da viagem dele?”

“Sabia.”

“Vocação de mártir?”

“Se é isso que você pensa, é isso. Já eu não penso assim.”

“E os trinta anos?”

“Voam”, ela se consola da perda. E depois muda de tom: “Mas isso não é o mais grave, não é o pior”.

“Ele, assassinado?”

“Não.”

Ela se cala.

Você se cala. O silêncio se espicha insuportavelmente, como um elástico pronto a arrebentar.

Ela deposita mais moedas no aparelho, uma após outra.

Você vai contando. Quatro mais quatro mais quatro. Doze ao todo. Três dólares. Ela está chamando de Nova York, você conclui.

“Por que você está chamando de telefone público?”

“Por causa de nós dois.”

“Os outros três telefonemas foram também de telefone público?”, pergunta você para se certificar.

“Foram.”

“Você está sendo seguida pela polícia?”

“Como é que vou saber? Acho que sim. Acho que não. Mas não é só a polícia que pode estar me procurando.”

“Quem mais?”

“Outras gentes.”

“O seu telefone está grampeado?”

“Acho que sim.”

Você se cala.

Ela se cala. Não é uma colega de trabalho. Não é uma filha da puta. Não é uma velha amiga. É uma mulher apaixonada em apuros. Ela sabe o seu nome. O seu endereço. O seu número de telefone. Michael

sabe o seu número de telefone. Sabe o seu endereço. Você quer dizer que, se ele tocar a campainha, você vai abrir a porta para ele. Você não diz.

“Estou com medo”, diz ela finalmente, e em seguida acrescenta: “Estou com muito dó”.

“Do quê? de quem?”, é você quem se impacienta agora.

Ela não consegue mais conter as lágrimas. Está chorando.

“Você nem se lembra de mim.”

“Não, não me lembro. Não é hora para mentiras. Você não merece isso.”

“Estou sozinha.”

“Eu sei, se pudesse...”

“Você não pode”, murmura ela.

“Você está chorando?”

Ela esperou e pôs o fone no gancho. O ruído de ocupado fica martelando o seu ouvido, até que você sente cheiro de queimado. Corre até o fogão, abre o forno e vê uma crosta negra cobrindo o pirex.

De estômago quase vazio, você esvazia a garrafa de Pouilly Fumé, enquanto aguarda o soar da campainha do interfone ou nova chamada dela. O apartamento está silencioso. O telefone permanece quieto no seu canto, vigiado pelo olhar obsessivo. Você se cansa de esperar.

Você liga a televisão para assistir ao jornal das onze. Levanta a parte superior do edredom e da colcha e os dobra, aparece o lençol branco, abrindo espaço para o corpo. Arruma os dois travesseiros contra o espaldar da cama para servirem de encosto. Quem sabe se não sai alguma notícia da prisão de Michael?

As acusações de corrupção imobiliária contra a mulher do presidente; o desgaste do Partido Republicano às vésperas das eleições

presidenciais; velhos amigos falam dum professor de matemática que, retirado da vida profissional e morando no mato, no meio do estado de Montana, enviou durante dezessete anos cartas-bombas pelo correio que, quando abertas, explodiam nas mãos de ex-colegas ou desafetos; cenas de jogos de basquetebol e de hóquei no gelo comentadas com entusiasmo; descobre-se que foi uma velha senhora que incendiou a biblioteca pública num lugarejo vizinho; uma reportagem especial contra a estabilidade que os professores públicos recebem. A diretora dum colégio público filmou em vídeo, às escondidas da professora, uma aula dela. Cenas degradantes no vídeo, alunos sendo punidos com safanões; a voz em off da diretora fala contra o sistema de estabilidade atual, que apenas perpetua a má qualidade do ensino público no país e a violência entre adolescentes. Do estrangeiro, apenas imagens da Bósnia, que mostram o modo como as tropas americanas policiam e controlam a região.

Você adormece com a luz do quarto acesa e a televisão ligada. As imagens coloridas são só imagens coloridas. Elas incendeiam de vermelho as paredes brancas do quarto, que espreitam o seu sono. O som é apenas uma matraca de Sábado de Aleluia, que fica girando, girando, girando, enquanto se espera a malhação do judas. Você adormece com a luz do abajur de cabeceira acesa e a televisão ligada, adormece querendo saber por que você não ouve a campainha do interfone que anuncia que Michael finalmente chegou, por que você não ouve o telefone tocar comunicando que Catarina reencontrou Michael. Você sonha com a cidade em que você está morando nos Estados Unidos, como se ela fosse uma única e sólida nuvem cinzenta, trançada com mechas sujas de algodão, uma nuvem cinzenta, espessa e furadinha como tricô, pairando no ar como uma tampa de panela de

ferro, como uma tampa de bueiro, como um lingote de aço que se espicha e se alonga, como um jacaré que abre a bocarra e mostra os dentes brancos pontiagudos que são os flocos e mais flocos de neve que descem, fechando as valas, soterrando as baratas e as ratazanas famintas, cobrindo os montes de pedras portuguesas, engolindo o mar, sepultando a praia, explodindo os casebres da favela e os edifícios de apartamentos e os jardins, dinamitando as calçadas e as ruas do bairro de Ipanema, apagando também e para sempre qualquer resquício de memória do passado longínquo e de lembrança dos dias atuais. Você procura desesperadamente vislumbrar os amigos nas janelas dos edifícios, os conhecidos caminhando pelas ruas, as babás ninando bebês nas praças, o povaréu boêmio nos bares pés de chinelo, os ricos nos restaurantes da moda, se contentaria até com as imagens que descrevem a batalha naval ipanemense desencadeada pelo prefeito, tudo na vã tentativa de reiniciar uma caminhada despreocupada pelo bairro onde você nasceu, cresceu e onde não está morando mais.

---

1. “Nas emaranhadas redes duma grande cidade, o telefone é [...] o confidente dos nossos segredos mais íntimos...”

# When I fall in love (*Quando me apaixono*)

*I cannot live without my life.*

*I cannot die without my soul.<sup>1</sup>*

Palavras de Laurence Olivier, no final do filme

*O morro dos ventos uivantes*

Ao entrar no quarto do hospital, você reconhece pelas costas a mãe do Adolfo. Baixa, magra, cabelos escorridos, ligeiramente corcunda. Já vestida de negro, aparece ainda mais frágil aos seus olhos. Você não consegue chamar a atenção dela com a frase dizendo que gostava muito do Adolfo. Ela te dá as costas, não se vira, apesar do burburinho que os parentes fazem ao verem entrar no quarto do hospital a pessoa ansiosamente esperada.

Você repete que gostava muito do Adolfo.

Ela permanece com o rosto voltado para a cama onde jaz o corpo do filho, dando as costas para a porta do quarto. Para você.

Você lhe disse duas vezes que gostava muito dele e repete uma terceira vez que gostava muito dele, tentando uma vez mais chamar a atenção dela para a sua presença ali, diante do corpo dele, já morto, no quarto do Hospital São José, no Humaitá, aonde você fora chamado às

pressas pelo telefone porque ele tinha dito, ontem à noite, que queria te dizer alguma coisa antes de morrer. Você repara que algo do corpo dela mexe. A nuca levanta a cabeça. Ela dá sinal de que finalmente te escuta, ou será que ela está se dando conta de que alguma coisa se passa às costas dela?

Ela precisa saber o que está acontecendo no quarto do hospital.

Ela vira o corpo na sua direção, retirando os olhos que açambarcam todo o vulto do filho único, recoberto pelo lençol branco. Aparece apenas o rosto acinzentado, bochechudo e inchado e a outrora calvície precoce que ele tentava camuflar por meio dos mais incríveis e discretos penteados, montados com laquê. Cara ao mesmo tempo miniaturizada e balofa, infernizada pela dor, intranquila, rosto familiar que você não reconhece à primeira vista. Não lembra o antigo rosto dele, também de olhos fechados, vital e descansado, dormindo ao seu lado no quarto iluminado pela aurora do novo dia. Tampouco parece rosto de cadáver. É ainda a cara de alguém que atravessa os momentos finais da agonia e precisa dos bons tratos da agência funerária.

Com o lenço já molhado, a mãe do Adolfo enxuga as lágrimas que saem dos olhos vermelhos e escorrem em filetes pelas faces marcadas pelo tempo e pelo sol da praia. Mesmo idosa, não deixa de ir à praia quando faz bom tempo. O gosto dele pela natação devia vir dela ou simplesmente de Copacabana.

Você repara que, ao retirar os olhos do rosto do filho querido, ela olha para você de modo estranho. Ela só olha para você, não te cumprimenta, não te diz nada; ela olha para você com olhos secos e vermelhos, incendiários, e aperta nas mãos o lenço já úmido; ela olha de modo inesperado e estranho, como se houvesse descoberto alguma coisa de errado, ou de equivocada, na sua presença tardia no quarto do

hospital, como se houvesse descoberto nas últimas palavras do filho, ditas à prima que ele mais queria, te chamando para dizer algo que ele não chegou a dizer e que ela não podia adivinhar o que seria porque, ao tentar ela acalmar a perigosa impaciência do filho, dizendo-lhe que poderia transmitir as palavras dele a você, ele reafirmou à mãe que só poderia dizê-las pessoalmente a você, já que se tratava de algo muito particular; ela olha para você como se houvesse descoberto algo na repetição da frase, a testemunhar uma amizade que sempre lhe parecera forte.

Forte amizade, era só isso que ela pensava da relação de vocês dois até a noite de ontem, até aquele momento? Uma amizade que fora construída sem os alicerces da infância e da adolescência comuns, ou da camaradagem escolar ou universitária, construída duma maneira adulta e egoísta, como só dois solteirões podem construí-la sem os entraves da esposa, dos filhos e das constantes reuniões familiares, onde o assunto é sempre o mesmo: as alegrias e as dores dos parentes próximos e distantes, as grandes emoções, a espera de uma herança que nunca chega, as doenças infundáveis dos muito velhos e dos muito novos, os conselhos de deixa disso para marido e mulher briguentos, a falta de juízo dos filhos, a empregada trapalhona, a falta de dinheiro já no meio do mês, o salário que não sobe, o preço cada vez mais alto das anuidades do colégio das crianças, o aumento no aluguel e os preços na feira que estão pela hora da morte.

Você quer saber se é apenas da amizade entre vocês dois que ela está querendo falar, com os olhos enxutos, vermelhos e firmes que de repente abandonam a imagem do filho na cama para te encarar e te jogar, com um safanão, contra a porta do quarto. Você pensa que ela finalmente te descobre por meio dos olhos do filho, você, ali, ao lado

dele, capaz apenas de dizer que gostava muito dele, você, incapaz de expressar a mínima dor no rosto e nos gestos, incapaz de estender o braço direito além dos pés do leito hospitalar e tocar, com a ponta dos dedos que fosse, o rosto sofrido do seu melhor amigo, agora com a cabeça imóvel recostada no travesseiro, de olhos e boca fechados, de narinas atochadas de algodão, de bochechas balofas como que também atochadas de algodão, praticamente calvo, você, incapaz também de abrir os braços para a mãe dele, lhe dar um sofrido e cúmplice abraço de pêsames em reconhecimento por ela ter tido a sorte de ter posto no mundo aquele filho e por estar perdendo-o definitivamente naquele instante.

Você pensa que, por meio dos olhos fechados e mortos do filho, ela finalmente descobre o casal. Você pensa que ela quer é te expulsar do quarto por não ter obedecido ao último desejo do filho.

“Fora! saia! rua! sua peste maldita” — é o que você lê nos olhos dela. E não lê mais porque você prefere dar dois passos em direção ao leito para ver mais de perto o corpo do Adolfo ali deitado, com todas as máquinas que o fizeram sobreviver por mais de um mês agora desligadas.

A mãe volta a te dar as costas e a olhar o rosto do filho.

Como se estivesse até então à sua espera para o ritual, ela também dá dois passos à frente, fica ao lado do rosto do filho, dobra a parte superior do lençol branco, deixando a descoberto os braços nus e os ombros vestidos de pijama de mangas curtas. Retira cuidadosa e lentamente os braços do filho de debaixo do lençol e com carinho de parturiente os cruza, de mãos dadas, encaixando os quatro dedos da mão esquerda nos quatro dedos da mão direita, deixando polegar contra polegar, sobre o peito. Passa o lenço úmido pelos braços e pelas costas das mãos dele

como que para limpar o suor da febre ou espantar alguma mancha de sangue coagulado. Em seguida, ela olha para o crucifixo que está dependurado na parede, acima da cama, e faz o pelo-sinal da Santa Cruz. Ela é quem encomenda o corpo do filho.

Sobre o fundo branco do lençol dobrado, você nota as inúmeras marcas das perfurações de agulhas na pele acinzentada dos braços, não de todo cicatrizadas, braços antigamente musculosos por causa do hábito antigo da natação, e agora adiposos como se fossem braços femininos e preguiçosos que tivessem, como um pneu baixo, sido enchidos de ar pelos buracos abertos nas veias.

Entram dois enfermeiros para retirar do quarto o suporte do soro e as máquinas desligadas. Os poucos parentes se aproximam, se cumprimentam e se abraçam e se distanciam juntos para abrir passagem. Os dois enfermeiros saem carregando os trambolhos. O quarto fica com as paredes imaculadamente brancas, habitado pelas roupas negras, pelas vozes sussurradas e pelo choro dos parentes mais chegados que foram sendo convocados pelo telefone.

Você nota que as unhas dele estão como que esverdeadas. Ou será impressão sua, vendo-as ali de longe, contra a luz do sol da tarde, que entra discretamente pelas persianas semicerradas? Você sente asco daqueles dedos outrora tão delicados e amorosos e não deve ter conseguido esconder o que sente.

Você vira o rosto para o lado e redescobre a prima mais chegada a ele e a quem, ele te disse, tinha um dia feito confidências sobre o tipo de vida que levava com você. Você lhe pergunta se o padre tinha sido chamado para a extrema-unção.

“Que padre?”, ela te pergunta.

Você diz o padre Luís, do Posto Seis, com quem ele confessava desde menino.

Ela diz baixinho que a mãe não quis chamá-lo nem aceitou a visita do capelão do hospital. Botou-o pra fora do quarto, aos berros, apesar dos insistentes pedidos da direção. “Padre só serve é pra batizar, rezar missa e casar”, fora o que ela havia dito, a prima te diz, reproduzindo ainda outras palavras dela: “Na hora da morte quem conta são as pessoas queridas. São elas sozinhas que entregam o corpo do morto a Deus”.

Você lhe pergunta se já tinham combinado os detalhes da cerimônia fúnebre com a agência funerária. Você se lembra do rosto dele, intranquilo e infernizado pela agonia, que você deixou de ver para poder conversar melhor com a prima. Ele era tão vaidoso, não deve estar gostando de ser visto e velado com essa cara de sofrimento na dor ou de pavor diante da morte. Você pensa isso e não diz nada.

A prima te diz que a mãe, apesar das insistentes admoestações dos médicos e da administração, quer que o corpo do filho não saia do quarto até ela dar a ordem. Ela te diz que todos pensavam que ela queria velá-lo por algum tempo ali no quarto do hospital, longe do tumulto do cemitério. O Adolfo só seria enterrado no dia seguinte, às dez horas da manhã. Desejo dela. Corrige-se, sussurrando: contraordem dela.

Foi a prima querida quem te chamou pelo telefone. Ela ligou para o trabalho, cedo pela manhã.

“Eu não posso deixar o escritório agora”, esclarecia você, “porque tenho compromissos inadiáveis pela manhã, só posso passar no hospital para vê-lo na hora do almoço ou no comecinho da tarde”, foi o que você disse para ela, ao mesmo tempo que tentava inventar uma

desculpa para evitar a morbidez do reencontro com o Adolfo doente, no hospital, encontro que te parecia antes de mais nada inútil e desagradável. Mais uma das dele, um misto de chantagem sentimental e pedido de reconciliação.

Ela então te interrompeu e te disse que ele, tomado pelo delírio, tinha perguntado muitas vezes por você nos últimos dias, tinha querido saber por que motivo você, um dia, tinha desaparecido da vida dele, por que motivo não tinha aparecido no hospital para lhe fazer uma visitinha rápida que fosse. Ontem à noite, quando o rosto dele tinha se acalmado por uns minutos, como que aliviado depois de tanto sofrimento... “Que Deus me perdoe”, disse a prima, “parecia que já entregava os pontos. Ontem à noite, ele me chamou e me disse que queria te dizer alguma coisa antes de morrer, que eu ligasse para você, e me deu o seu número do trabalho.”

Você perguntou se ele disse isso só para ela, ou tinha feito o pedido em voz alta para que todas as pessoas que estavam no quarto escutassem.

Ela não deu resposta à sua pergunta. Te repetiu que, por favor, viesse ao hospital. Pelo amor de Deus. Adolfo está te esperando desde ontem à noite. Você não imagina como amanheceu.

Você não deixou de ir ao hospital; negligenciou a urgência do chamado. Você sabia que ele estava doente fazia algum tempo. Não tão doente a ponto de morrer. Ele sempre tinha estado doente, de uma maneira ou de outra. Você já estava se acostumando com esses telefonemas extemporâneos da prima dele. Durante o longo período de convivência, ele se internara pelo menos umas quatro vezes em hospital. Uma vez foi por causa dum coágulo sanguíneo no cérebro. Uma segunda vez foi por causa do apêndice que tinha supurado. Outra

vez mais foi para retirar uma fístula. Uma quarta vez foi para cuidar de uma pneumonia que podia virar tuberculose, e quase virou em virtude do descuido médico que o deixou abandonado, no auge do verão carioca, num quarto com ar-refrigerado ligado que, sem quê nem para quê, de repente pifou. Meio grogue, ele não reagiu e acabou ficando por horas deitado e banhado de suor. Depois da separação, você perdeu o número de vezes que ele foi internado.

O corpo dele não estava sabendo como envelhecer, ou envelhecia de maneira precoce e doentia, deixando que as partes constituintes fossem sendo retificadas, amputadas ou retiradas pelos médicos a fim de que fosse possível a sobrevivência menos dolorosa em tempos onde o antigo charme de carioca da gema ia sendo também corrigido pelas rugas na testa, sendo substituído pela rugosidade hipocondríaca e virando abstração pelo isolamento em que passou a viver depois da aposentadoria.

A mãe dele volta a olhar para você e você não derrama uma lágrima sequer diante do corpo do grande amigo de quem você gostava muito. Você pensa que ela não entende a contradição entre a necessidade obsessiva de dizer a mesma frase, que depunha a favor de sentimentos fortes que você começou a experimentar de maneira tão confusa e desordenada no momento em que entrou no quarto e foi avisado de que o Adolfo já estava morto, e a impossibilidade de esta repetição obsessiva da mesma frase se transformar, aos olhos dela, em algo exterior às próprias palavras, em manifestações físicas de carinho emotivo.

Você se lembra de que o Adolfo sempre te dizia que tinha sido criado e morava numa casa de poucas palavras e de muitos sentimentos e que, de uns anos para cá, convivia com uma pessoa como você, de muitas

palavras e de poucos sentimentos. “De nenhum sentimento”, acrescentava ele. Quando estava ao lado das pessoas de quem gostava, ele tinha necessidade física de tocá-las, necessidade que vinha de longe, da vida inteira.

Você lhe dizia que o mal-estar tinha remédio, era síndrome típica de filho único, paparicado e querido desde o berço, desde o útero, desde o óvulo fertilizado pelo espermatozoide.

Ele não te escutava e continuava o monólogo dizendo que as palavras eram para ele uma forma de distanciar uma pessoa da outra, como se fossem vidros de vitrines por onde a gente vê o que gosta, ali, de longe, contentando-se com o desejo de querer o que não tem, o que está por detrás do vidro da vitrine.

Você o interrompia, chamando-o de consumidor.

Ele te perguntava se consumidor era a mesma coisa que forra-gaitas.

Você dizia que não.

Ele te entendia, ele entendia, até demais, as suas palavras e você lhe dizia que ele às vezes não entendia bem o significado delas.

Ele pedia a você que explicasse a ele por que você o tinha chamado de consumidor (era a maneira educada que ele encontrava para você perguntar a ele — e você não perguntava — por que ele te considerava um forra-gaitas).

Você então explicava que ele era consumidor porque gostava de comprar todas as coisas de que gostava. Não se contentava em vê-las e dizer a elas, pela combinação do olhar e das palavras e por meio deles, que as desejava, que gostaria que um dia desses fossem dele.

Ele sorria da sua explicação e te dizia que, no fundo, você gostava era do corpo dos manequins na vitrine e detestava as roupas com que os lojistas os vestiam. Ele, não. Para ele o corpo dos manequins não

existia, ele gostava era das roupas com que tinham sido vestidos. “Manequim é feito de matéria plástica, como ioiô ou bambolê.” Para constrangimento seu, ele gostava de entrar nas lojas, pedir para examinar a roupa da vitrine, tocar e levantar o tecido para saber se dava bom caimento, se a fazenda era de boa qualidade, durável, suave ao tato, se a roupa estava bem-acabada. Tocava a roupa para estar seguro de que o corpo perfeito e os traços suaves do manequim não estavam escondendo a feiura dela, para saber se a beleza do terno ou da camisa não era mero efeito de vitrine, cenário e iluminação.

As unhas esverdeadas, você as substitui por outras, por unhas de mãos generosas, lembrando-se do modo como ele comprava a amabilidade dos garçons com gorjetas altas, como esquecia de propósito o troco do jornal na banca, do cafezinho no balcão, do maço de cigarros no caixa. As unhas esverdeadas, você as esquece se lembrando de que não fora fácil convencê-lo a não mandar mais passar esmalte incolor nas unhas das mãos. Tinha-as aparadas por manicure, a mesma que vinha fazer as mãos e os pés da mãe. Pretextava o trabalho para continuar a mandar passar esmalte: era gerente dum banco do estado e lidava o dia inteiro com clientes que apenas viam as mãos, já que era obrigado a usar terno e gravata.

“E o seu rosto não conta? ele fica de fora do terno e da gravata.”

Ele tinha uma maneira original de descrever o relacionamento dele com os clientes. Dizia que eles nunca olhavam no rosto, assim, de maneira direta, olhos nos olhos, concentravam todas as forças da vontade financeira no olhar que buscava as mãos dele gerente à espera da assinatura desejada, única razão para o procurarem.

Você perguntava se de repente não pintava um papo legal com alguém.

Ele dizia que até que sim, mas só com os que não precisam de mim como gerente, pessoas que querem informações completamente inúteis, ou com as velhas amigadas do bairro ou da mãe, velhos e velhas pensionistas do estado que querem assegurar ao gerente do banco que ainda estão vivos.

Como era muito educado, você acreditava que ele tratava todas as pessoas de maneira decente e o entrevistava, no devaneio, assinando assinaturas e mais assinaturas com a mão esquerda (ele era canhoto) de unhas recobertas de esmalte incolor. Você nunca o procurou no banco. Quando telefonava e atendia a secretária, usava codinome.

Um dia, você percebeu que o esmalte tinha desaparecido das unhas. Você preferiu não comentar. Seria uma maneira machista de cantar vitória. Na semana seguinte, ele te disse que não tinha valido a pena mandar a manicure deixar de passar esmalte incolor nas unhas, porque você nem tinha notado. Você se fez de desentendido. Ele entendeu que você se fazia de desentendido e, naquela noite, você percebeu que era mais carinhoso. Na cama, ele virou para você e te disse:

“Sabe por que eu gosto de você?”

Você respondeu que não era adivinho.

Ele fechou a cara.

Você se explicou dizendo que se tratava dum sentimento muito íntimo. Você não podia saber por que simplesmente porque ele nunca tinha dito a você por que gostava de você.

Você pensa na palavra “ternura” para expressar o que sentiu pelo Adolfo durante os muitos anos de convivência. Não adianta te perguntar o que significa a palavra “ternura” para você quando se refere a um relacionamento amoroso. É simplesmente a palavra que pode dar conta do que você sentiu por ele durante os anos de convivência

estreita e fiel. Você tinha mania de usar a palavra “ternura” nas situações mais inesperadas, querendo definir pelo gasto da mesma moeda o que você sentia: eis o sentimento que você pode e gosta de nomear.

Ele te dava o troco. Não perdia a deixa e comentava a palavrinha, dizendo que “ternura” era o que filho sentia pela mãe, ou o que os pais sentiam pelos filhos.

Você não o desmentia. Dizia apenas que tinha sido criado por uma chocadeira, por uma das bem modernas e eficientes. Você era uma dessas aves da sociedade de consumo, que não podem dormir, alimentadas dia e noite com ração, para poderem crescer e engordar mais depressa e, mais depressa, deixarem a chocadeira e se encaminharem para o abatedouro da vida. Você o deixava fingir que não tinha te escutado, você deixava que ele continuasse a comentar a palavra “ternura”, acrescentando que parecia coisa do século XIX, quando as mocinhas de cútis clara e longos cabelos negros tinham de esconder os sentimentos por detrás de leques e os rapazinhos elegantes e frajolas por detrás de punhos rendados.

Você ria da imaginação dele.

Ele gostava do seu riso. E ficava te imitando, repetindo a palavra “ternura” em vários e diferentes tons e contextos, abanando leques invisíveis. Ficava abanando leques invisíveis até ver o tédio estampado no seu rosto.

Ele deixava de ser engraçado assim, de repente, e se tornava sério, muito sério, contando um caso cabeludo da alta administração do banco, dessas transações que caíam fedendo na mão dele, já cheirando de longe a suborno ou a corrupção, ou então falava dum acidente em plena avenida Rio Branco, que ele não tinha presenciado mas que

tinha sido o ti-ti-ti da tarde no banco. “Você não vai acreditar, mas todo mundo dizia que as rodas do carro cortaram pelo meio o corpo da velhinha. Também, magrinha como era!”

Você enuncia de maneira correta a pergunta que ele te fez quando deixou de mandar passar esmalte incolor nas unhas: ele não tinha te perguntado se você sabia a razão por que ele gostava de você. Ele tinha te perguntado se você sabia a razão por que te amava. Você se lembra agora de ter continuado a conversa, brincando:

“A boca fala quando os ouvidos são chamados.”

“Não estou me referindo a palavras, falo de beijos, dos seus beijos”, ele quis ser grosseiro com você. Não o era, em geral.

“Beijos são surdos, não são respostas; se por acaso tivessem ouvidos, seria para escutar e obedecer a comandos íntimos, que vêm lá de dentro do próprio organismo carente”, disse você para ele. E continuou dizendo: “Se os beijos fossem resposta a um comando do exterior, você podia dizer: não quero, não tenho vontade agora”.

“Mas é disto”, disse ele, “é disto que estou falando. Quando te chamo, você nunca me diz não quero, não tenho vontade agora.”

Você contesta: “Se não digo, é porque houve coincidência: eu desejo, você deseja. Se te telefono para você passar pelo meu apartamento, é porque quero te encontrar. Se você vem, vamos pra cama porque alguma coisa dentro de mim reclama sexo”.

“Desisto”, repisou ele o verbo. Aí, mudou de ideia. “Não vou desistir desta vez. Por que sou eu que sempre tem de desistir?” A pergunta era retórica, mas foi dita em voz alta.

Ele te pediu um beijo, você o deu.

“Confirma”, ele pediu, ele implorou, “confirma que foi resposta a um pedido meu.”

Você confirmou.

Teria sido melhor não ter confirmado as palavras dele, você se dá conta neste momento em que ele está ali, morto, com a cara balofa dum buldogue enfastiado com a dor e o medo que o atormentaram nesse mês passado no hospital.

Você nunca mais foi o mesmo com ele. Você tem essa mania de não querer ser querido. Você pensa que o relacionamento só tem sentido enquanto você está conquistando. Depois de conquistada, a vítima perde todo o interesse. Você gosta de arrancar a golpes de canivetes sexuais a dependência do outro. Quanto menos dependente, mais interessante; quanto mais dependente, menos interessante. Você vive a intermitência do tempo dos assassinos. A sua especialidade é o jogo sentimental do amenos e do amais. Você toca a melodia da sedução na clave do amais até o momento em que o amais do parceiro seja dado como líquido e certo. Aí é a sua vez de passar a tocar a melodia de distanciamento na clave do amenos. Você sai do céu de brigadeiro das relações amorosas felizes e atravessa nuvens de turbulência emocional que você apelida de *pés no ar*.

Quando quietos, os pés começam a sentir comichões, a querer caminhar por caminhos nebulosos, sujeitos a chuvas e trovoadas, por onde não caminhavam, e a evitar os caminhos já sabidos e batidos. No momento de cair de quatro totalmente enamorado, quando todos caem de quatro, você levanta a poeira e dá a volta por cima.

Você se aproxima da mãe do Adolfo e lhe passa a mão pelos ombros, dando-lhe um afago. Rápido o bastante para ela não poder se desvencilhar, rechaçando algo que ela julga postigo na sua personalidade.

Ela não se perturba.

Você lhe diz, quase sussurrando, que sempre sentiu uma enorme ternura por ele. Ao mesmo tempo que você lhe diz isso, estica o braço direito e, com a ponta dos dedos, toca o rosto balofo e sofrido dele, passando em seguida os dedos pelas pálpebras cerradas como se as quisesse fechar pela segunda vez.

Ela continua em silêncio. Não move um só músculo da face. Os olhos dela, você os vê, continuam secos e vermelhos. Você os vê, mas ela não te vê. Ela vê o filho. Ela deve ter visto a ponta amputada dos seus dedos passando pelo rosto dele, caminhando a seguir para as pálpebras cerradas. Deve ter visto e deve ter aprovado, porque não inventa nenhum gesto para te afastar dele.

Naquele momento, você pensa, o Adolfo vê a ela ou vê a você? Ou será que pela primeira vez ele nos vê os dois juntos? Pela primeira vez, naquele momento tão docemente macabro, ele nos vê a nós dois e nós dois o vemos, e isso está acontecendo pela primeira vez, desde o dia em que você a tinha conhecido totalmente por coincidência, numa manhã ensolarada de domingo, quando os dois passeavam pela antiga calçada de Copacabana e ela ia para a praia com toalha e barraca.

Pouco importa — ou muito importa? — se ele está morto e nós continuamos vivos. Você quer corrigir a maneira como tudo começou e continuou e acabou.

*Tudo começou quando...* como ele tinha raiva desse seu jeito de querer dar um começo factual e preciso para as histórias que você queria contar. Várias vezes você quis dizer para ele quando tudo tinha começado entre vocês dois. E ele te desmentia. “Não começou assim nem assado”, “Não começou assim porra nenhuma”, “Só começou assim na sua cabecinha racional”, “Nada começa, nada tem fim, tudo vem deslizando, deslizando, até que a gente pensa que é hora de tomar

o bonde, toma o bonde, mas o bonde tinha dado muitas voltas antes de você tomá-lo.”

Você era impertinente: “E se você perder o bonde?”.

“Perdeu, está perdido”, respondia ele, “toma o seguinte.”

“E se o bonde seguinte for o bonde errado? Vai dar com os burros n’água.”

“Não vai me dizer que você, logo você, seja a única pessoa no mundo que não sabe que todos os bondes se chamam desejo”, ele te disse num dos entreveros, fazendo alusão à peça de Tennessee Williams que vocês tinham visto com Jardel Filho e Maria Fernanda.

“Tudo começou quando...”, brincava ele, “... andávamos de bicicleta pelas ruas de Copacabana e cultivávamos a inocência cruel de ginásianos matando aula.”

“Mas nunca andei de bicicleta com você”, respondia você, querendo cair na velha armadilha dos leques abanados com graça e rapidez, montada apenas para te divertir. Ele abanava os leques invisíveis para retirar da sua cara uma nuvenzinha cinzenta visível que te deixava cismarento e soturno.

“Por isso mesmo é que nos conhecemos quando andávamos de bicicleta pelas ruas de Copacabana, caso contrário teríamos combinado o passeio pelo telefone e teríamos saído cada um da sua casa e se dirigido para o lugar marcado. Nos cruzamos por acaso, foi no cruzamento da Bolívar com a Nossa Senhora de Copacabana, eu na minha bicicleta, você na sua bicicleta. Eu te vi. Você não me viu. Eu continuei pedalando até a pedra do Arpoador. Foi assim que tudo começou. Lá no alto da pedra, diante da imensidão azul do mar e dos pequenos transatlânticos que flutuavam na linha do horizonte, gravei a sua imagem e fiquei com ela gravada e escondida. Por muitos anos. Já

não lembro quantos. Fiquei à espera duma oportunidade, desculpa, dum bonde. E lá no alto da pedra disse de mim para mim: Um dia ainda tomo esse bonde. E ele vai ser meu. E foi. E é.”

Você quer lembrar quando tudo começou, mas não consegue, por mais esforço que faça. Você sabe quando tudo começou. Não quer se lembrar de quando tudo começou, não quer e se lembra.

Foi à saída da sessão das oito do cinema, na calçada de Copacabana. Era uma bela noite de maio, você não queria ficar em casa. De dia, brilhara um solão confortável em céu azul de mar. Você assistira pela janela o calmo desenrolar do dia outonal lá fora. Você acha que essa brisa suave que sopra do mar nas noites de maio e anuncia de maneira tão sorrateira o inverno carioca é produto de algum algoritmo divino. O terno e a gravata durante o dia não torturam; o cobertor durante a noite é bem-vindo.

A sala de cinema estava num prédio que ficou anos e anos vazio antes de ser derrubado para ser construído no seu lugar um hotel. Você tinha ido ver um filme de William Holden e Jennifer Jones, aparentemente água com açúcar. A ação se passava em 1949, na cidade de Hong Kong, cidade barril de pólvora, que no filme tinha virado uma mistura de gigantesco hospital com as mais sublimes paisagens do mundo. Você sorriu, você riu, você se divertiu o tempo todo com o pano de fundo político da história de amor: as alusões terríveis à tomada da China pelas tropas do comandante Mao e ao início da guerra entre as Coreias do Sul e do Norte. Essas alusões jorravam aos borbotões nas falas preconceituosas dos personagens. Depois de uma semana, a menina refugiada da China, que tinha chegado quase morta ao hospital de Hong Kong, ressuscitava. Como mandá-la de volta para a China vermelha de onde tinha escapado? Jennifer Jones lhe dá

cuidado médico e carinho, e acaba por adotá-la, mesmo tendo sido despedida do hospital.

Você também reparou que, no filme, outra pistola ideológica atirava com balas de festim contra os personagens propriamente ingleses e colonialistas. Uma lady inglesa — mordida logo pelo quê, por uma... centopeia — queria abusivamente ocupar por uma semana um leito do hospital superlotado porque a sua mansão estava sendo pintada.

Você tinha especial e perversa predileção por esses filmes de Hollywood feitos no início da Guerra Fria: revestindo com o manto da paixão amorosa conflituosa e ultrarromântica, instilavam na mente do espectador o duplo movimento da sabotagem subliminar norte-americana durante a Guerra Fria. A esnobe Europa não soubera colonizar os países orientais, por isso eram eles agora presa fácil do comunismo soviético. Cabia aos Estados Unidos intervir nesses países que tinham virado campo de batalha e hospital ao ar livre, entregando a China aos eurásianos comprometidos com o Bem, como o personagem de Jennifer Jones, metade europeia, metade asiática, uma devotada médica em Hong Kong, loucamente apaixonada por um correspondente norte-americano chamado William Holden.

William Holden morre ao cobrir os primeiros conflitos bélicos na Coreia. Sozinha, a médica tinha tudo para voltar para a China comunista, um colega aliás a convida, dizendo que lá é o lugar dela. Ela recusa, prefere ficar com a liberdade ocidentalizada de Hong Kong e as cartas do grande amor da sua vida. O título do filme em português explica: *Suplício de uma saudade*.

Quem não ficaria eternamente apaixonado por William Holden desde que ele assassinara Gloria Swanson em *Sunset Boulevard*? Na

pergunta estava a razão maior para você ter escolhido exatamente aquele filme exatamente naquela noite.

Depois da sessão, você ficou de pé na calçada, sozinho, à espera de algum amigo para o chope. Não apareceu nenhum conhecido no fluxo da multidão anônima.

Ao lado, estava ele, também sozinho, vendo o poveréu que saía da sala. Você só o notou porque tinha sido atraído pelos olhos marejados de lágrimas, que ele não fazia questão de esconder. Você criou coragem e perguntou a ele se as lágrimas eram de verdade ou de mentira.

“Errou”, ele te respondeu, “você errou duplamente. Não são de verdade nem de mentira. São postiças.”

“Postiças?”

“Se não acreditar, pode tocar. Lágrimas postiças não mordem. Só ladram.”

“Confesse que você chorou durante o filme!”, a ordem que você deu não dependia de resposta.

“Confesso”, respondeu ele de maneira automática.

“Por causa do filme ou da canção?”

“Por causa dos dois.”

Você o convidou para um chope no bar alemão ao lado.

Ele te disse que não estava bebendo. Aceitava um suco de laranja. “Um suco não vai chegar a despertar o tigre adormecido que existe em mim”, acrescentou, aludindo a uma fala de Jennifer Jones.

“Suco a essa hora?”, você se espanta.

“A essa hora.”

Você perguntou por que ele não estava bebendo, se andava tomando antibiótico.

Te disse que não bebia mais bebida alcoólica porque fora alcoólatra. Durante muitos anos.

Você ri da brincadeira.

Ele disse: “Não ria”.

Você continuou a rir.

Ele insistiu: “Não ria”.

Você parou de rir.

Ele te disse que estava com medo de trocar o álcool pelo Mandrix. “O meu médico me alertou hoje para o perigo de trocar um pelo outro a partir de amanhã, quando retomo o trabalho no banco.”

Você não acreditava nas palavras dele e disse que ele seria um grande romancista. Nunca te ocorreria contar daquela maneira o encontro casual de dois homens maduros, bem-humorados e profissionais.

“Pro-fis-sio-nais”, ecoou ele, de maneira ligeiramente afetada.

“Maduros, bem-humorados e profissionais”, retomou você como que entendendo a dica.

“Acredite nas minhas palavras”, ele te disse, “por favor, acredite nelas. Porque depois não quero que você mais tarde me jogue na cara que não te avisei que era e posso voltar a ser viciado.”

Você estava achando o papo sem pé nem cabeça, pra lá de louco. Te agradava a franqueza e a singeleza no trato. A honestidade da fala dele te instigava a querer continuar a conversa para saber até onde ele conseguiria manter franqueza e honestidade de maneira tão pouco ou nada convencional ou desagradável. Você insistiu, convidando-o uma vez mais para tomar o suco de laranja.

Você tomou um chope, dois, três, não se lembra mais de quantas rodela de papelão da Brahma se empilharam na mesa. Ele também tomou vários copos de suco de laranja. Depois, tarde da noite, você o

convidou para dar um pulo até o seu apartamento, que ficava a umas poucas quadras do cinema.

“Olhe que amanhã é dia de trabalho”, você brincou, dando a oportunidade a ele pra dizer *não* sem te ofender.

Ele não disse nada. Te acompanhou em silêncio.

“Depois não venha me dizer”, você retoma, “que por minha causa você acabou perdendo o primeiro dia de trabalho depois das férias.”

“Se perder, o único culpado serei eu. Ou, então, será culpa do segundo Mandrix que tomei enquanto você foi ao mictório.” Precaução por precaução.

Te acompanhou em silêncio até a porta do apartamento.

Andávamos de bicicleta, claro, andávamos de bicicleta. Você vê os dois agentes funerários que se adentram pelo quarto com a padiola. Vão levar de vez o corpo do Adolfo para o cemitério, no rabeção. Lá ele será velado durante a noite. E enterrado amanhã, às dez horas.

A mãe do Adolfo se esconde no banheiro. Tranca a porta. Não quer presenciar a cena da remoção do cadáver. Ela deixa para você, só para você, os últimos minutos do Adolfo no quarto do hospital. Você se pergunta se ela estava com medo ou se atendia ao último pedido dele.

Andávamos de bicicleta... Como? — você reage — se nem mesmo crescemos no mesmo bairro da Zona Sul carioca e muito menos na mesma cidade.

Andávamos de bicicleta — você acata a versão de Adolfo —, andávamos de bicicleta. Bicicletávamos pelas ruas de Copacabana e cultivávamos a inocência cruel de dois ginasianos matando aula. Vocês se cruzam por acaso na esquina da Bolívar com a Nossa Senhora de Copacabana, cada um pedalando a sua bicicleta. Se não tivesse sido

por acaso, vocês teriam se telefonado, marcando encontro numa das esquinas do bairro.

Você o vê. Ele não te vê. É assim que tudo começa. Você vai até o Hospital São José e, lá do terceiro andar, diante da morte devassada, você grava a imagem dele e fica com ela gravada e escondida.

Se você nunca soube quando tudo começou, como vai poder adivinhar como tudo vai terminar?, é o que você se pergunta.

---

1. “Não posso viver sem minha vida./ Não posso morrer sem minha alma.”



ANA ALEXANDRINO

SILVIANO SANTIAGO nasceu em Formiga (MG), em 1936. Sua vasta obra inclui romances, contos, ensaios literários e culturais. Foi cinco vezes laureado com o Jabuti. Pelo conjunto da produção literária, ganhou os prêmios Machado de Assis, da Academia Brasileira de Letras, e José Donoso, do Chile. Recebeu do governo francês as distinções de Officier dans l'Ordre des Arts et Lettres e Chevalier dans l'Ordre des Palmes Académiques. Foi contemplado com o prêmio Camões de 2022.

Copyright © 2024 by Silvano Santiago

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Capa*

Marcelo Girard

*Imagem de capa*

*Schnellzug: Zwei Personen im Gespräch* [Trem expresso: Dois homens conversando], de Ernst Ludwig Kirchner, c. 1925. Caneta e tinta sobre papel, 16 × 21,7 cm

*Preparação*

Márcia Copola

*Revisão*

Huendel Viana

Márcia Moura

*Versão digital*

Rafael Alt

ISBN 978-85-3594-004-6

*Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles.*

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

[facebook.com/companhiadasletras](https://facebook.com/companhiadasletras)

[instagram.com/companhiadasletras](https://instagram.com/companhiadasletras)

[x.com/cialetras](https://x.com/cialetras)